

A ideologia da ordem.  
O aborto  
O nascer de um novo dia  
“Vocês leram no jornal?”  
Fim-de-semana com jovens  
Ser Igreja hoje  
Confidências de Deus  
Refletindo sobre a “espiritualidade dos  
leigos”  
O desafio da colegialidade  
Ecologia e fé  
A política e os cristãos  
Serão naturais os “métodos naturais”?  
O grande desafio  
O lago e a onda  
O pecado social  
Maturidade na fé  
O modelo de progresso que não  
queremos  
As urgentes e profundas reformas  
Maturidade-personalidade  
A busca de metodologias  
Uma reunião de família.

# fato e razão

# Recado ao leitor

Chega às suas mãos, mais uma edição da sua revista.

Como sempre, foi preparada com carinho, como apoio à formação de leigos adultos e comprometidos.

Neste número, você vai encontrar alguns artigos sobre família e pastoral familiar, que certamente vão merecer sua atenção.

Você notará a valorização que se está dando às Comunidades Familiares. Elas são a linda utopia do MFC que agora vai se tornando realidade.

Como apoio à caminhada das Comunidades Familiares, você encontrará, neste número, um temário especial.

Mas temos muito mais a oferecer-lhe.

Uma reflexão esplêndida sobre o Espírito Santo vai certamente surpreendê-lo, caro leitor.

E os grandes acontecimentos mundiais não foram esquecidos: uma lúcida análise vai ajudá-lo a compreender o que está por trás dos noticiários.

Esperamos, portanto, que a leitura da sua revista lhe seja útil, agradável e... questionadora.

S. & H.A.

## Edição Movimento Familiar Cristão Conselho Diretor Nacional

Marco e Inês Gomes  
Amauri e Ana Lúcia Soares  
Ivan e Ivone Rodrigues  
Manoel Arcanjo e Graça Souza  
Hélio e Selma Amorim  
Manoel e Cidália Rocha  
Adelino e Zurita Souza  
Antônio Carlos e Ângela Aguiar

## Equipe de Redação

José e Beatriz Reis  
Hélio e Selma Amorim

## Composição e Impressão

Maio Gráfica Editora Ltda.  
Rua Sete de Setembro, 92 s/1107  
Tel.: (021) 221-8515  
Rio de Janeiro-RJ

## Distribuição e Correspondência

José e Ione de Assis  
Livraria MFC  
Rua Espírito Santo, 1059/1109  
Tel. (031) 222-5842  
30160 Belo Horizonte - MG

17

# fato e razão

## SUMÁRIO

- TV - Luzes e sombras ..... 2
- A Família, mistério e esperança para o terceiro milênio ..... 6
- A águia que (quase) virou galinha ..... 22
- A implosão do socialismo autoritário ..... 24
- Cassinos, a salvação do Brasil? ..... 32
- Respigando Comblin ..... 34
- A espiritualidade do conflito ..... 42
- Fé e compromisso social ..... 44
- Pastoral familiar e educação para o amor ..... 48
- Orações e paraliturgias para Encontros ..... 52
- Quanto ganha você? ..... 59
- As metodologias participativas ..... 60
- Pressupostos para a pastoral familiar ..... 64
- Movimento conjugal ou familiar? ..... 67
- "Para que serve a família?" – Temário para comunidades familiares .. 69

# TV - Luzes e sombras

Vamos sonhar com um simpático quadro de luzes sem sombras: a TV foi inventada, aperfeiçoada e entregue a gente competente e honesta.

Qual o resultado? Uma maravilha!

Noticiários isentos nos mostram a realidade do dia-a-dia, no Brasil e no mundo. Comentaristas de diferentes posições ideológicas apresentam as suas interpretações desses fatos, e deixam ao espectador a tarefa de refletir e deixar-se questionar, para assumir, ele próprio, sem condicionamentos, a sua própria posição.

Noticiários que não escondem a realidade de injustiça e opressão, e fazem a denúncia dos mecanismos sociais, políticos e econômicos que sustentam a iniquidade. Que provocam seus espectadores a fazerem alguma coisa para mudar esse quadro e se empenharem com a promoção da justiça. Tele-jornalismo que também revela as coisas normais e positivas do cotidiano, não apenas os crimes e as aberrações de comportamentos. E assim se alimente a esperança e o ânimo de luta, frente aos aspectos perversos da realidade.

Existem noticiários assim? Podem existir? Ou seus cuidadosos patrocinadores comerciais retirariam o seu patrocínio, ao verem revelados os interesses econômicos que alimentam as injustiças sociais?

Ora, esses patrocinadores não são tolos. E são os que fornecem, em cruzeiros ou dólares, o oxigênio que as redes de TV respiram. Por isso, a emissora é cuidadosa e faz uma evidente auto-censura. Quem perde é o espectador – que muitas vezes, infelizmente, é ingênuo e assimila a visão de mundo que lhe é passada subliminarmente por simpáticos locutores.

2

Existem também interessantes programas de reportagens especiais. Vamos imaginar o melhor: frente a fatos de grande importância e repercussão social e política, a emissora designa uma equipe de repórteres especializados. De câmaras em punho, esses profissionais retratam a realidade, sem "apelação" e sensacionalismo, sem outras intenções senão a de apresentar a realidade objetiva, de forma respeitosa aos seus privilegiados espectadores. Em seguida, procura pessoas, de diferentes posições políticas, filosóficas e religiosas, entrevistadas para exporem a sua interpretação da realidade através da sua ótica pessoal ou do grupo que representem. Surgem divergências, confrontadas em debate. O espectador toma posições, se envolve e reflete, telefona ou escreve para a emissora, apoiando ou protestando, discute com quem estiver por perto, assistindo o mesmo programa. Leva o assunto à discussão do grupo ou movimento a que pertence. Está mobilizado, provocado pela reportagem da TV.

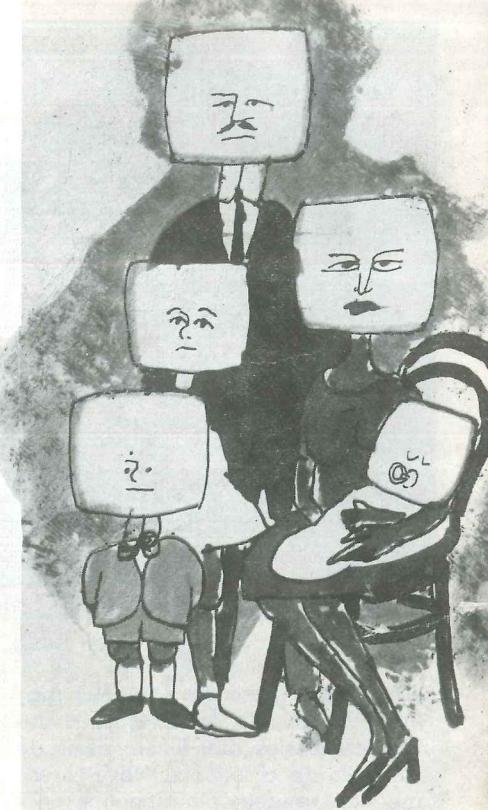
Estamos sonhando demais? Isto existe? Pode existir. Às vezes, talvez por distração, algumas emissoras deixam escapar uma coisa mais ou menos assim. E todos saímos iludindo. Quem não se lembra de ter assistido a reportagens especialmente notáveis, que deram panos para mangas?

Infelizmente, não é costume ser assim.

Um exemplo recente: uma emissora de TV queria a aprovação social à maneira sensacionalista que adotou em determinado programa "apelado" em que aborda geralmente, de forma desrespeitosa, desvios sexual-

aberrações de comportamento e variados estilos de degradação humana. Temas de grande interesse, se tratados com respeito e objetividade, o que não é o caso. Aqui, a ética está rigorosamente subordinada ao interesse comercial, por sua vez subordinada ao Ibope. O que fez o produtor

do programa? O que geralmente se faz, com técnica primorosa: filmam-se as cenas mais chocantes, apelativas de audiência mórbida. Em seguida, as entrevistas: pessoas simpáticas do meio artístico e profissionais do ramo, cuidadosamente selecionados pelo critério esperto da certeza da aprovação, ocupam tempo generoso para exaltar a coragem e honestidade da emissora e do programa, entre sorrisos cordiais e atitudes de compreensão frente aos preconceituosos opositores de tão inteligente orientação dos produtores da série. Mas é preciso demonstrar a honestidade do programa. Tratamos de entrevistar alguns furiosos opositores. No caso citado, as escolhas foram primorosas: um pregador fanático e ridículo de alguma seita fundamentalista, um ministro da ditadura repressiva amplamente odiado por gregos e troianos e o ex-chefe da censura que durante muitos anos proibiu as músicas de Chico Buarque e Geraldo Vandré, em suma, personagens detestáveis, cuja crítica valoriza o criticado... Falta uma pitada de honestidade calculada: temos que entrevistar alguém com credibilidade, para criticar, configurando que nem todos apoiam o programa, mas são exceções que confirmam a regra. Vamos entrevistar o Movimento Familiar Cristão e o Instituto da Família, que tal? Então acontece uma longa hora de entrevista, luzes, ordens dos operadores, repetições, perguntas, psicólogos e pedagogos respondendo... e o resultado, na edição do programa: dez segundos para a aparição de uma das entrevistadas, que pronuncia meia frase sem sentido, tirada de uma bem fundamentada resposta.



Claudio

Assim se fazem reportagens especiais, aparentemente honestas e inteligentes. Para espectadores ingênuos, pode-se imaginar o efeito. É claro que assim cresce a audiência, e aumenta o preço da propaganda comercial, nos intervalos do programa. O objetivo foi alcançado. A menos que deixemos de ser ingênuos.

E as novelas? Estupendas! A qualidade técnica e o desempenho dos atores são cada vez mais perfeitos. As tramas são bem armadas e a história envolvente.

Por isso mesmo, toda atenção é pouca.

Imaginemos um quadro ideal: uma novela linda e singela, como o Pantanal, com episódios duas ou três vezes na semana, ou em horários que não prejudicassem o diálogo familiar, as visitas aos amigos e a parti-



cipação das pessoas nos seus movimentos sociais, associações e demais atividades que fazem parte do exercício da cidadania. Novelas em que predominam personagens normais, o neurótico seja a exceção, e não o contrário. Em que a beleza da natureza seja uma festa para os olhos e o espírito, despertando a vontade de preservá-la. Que seja uma história de gente como a gente. Em que a realidade não seja manipulada e as disfunções e desvios de comportamento sejam tratados com naturalidade e compreensão; e as causas reais dos problemas sejam desocultadas e denunciadas, sem "apelações" de objetivo comercial.

Isso existe? Pode existir? Claro que sim. Temos exemplos.

Mas mesmo uma excelente novela pode ser desagregadora e prejudicial.

Em primeiro lugar, como já vimos, porque são inteligentemente tramadas para escravizar o espectador a sentar-se, obedientemente diante da telinha, todos os dias, à mesma hora, durante meses, subordinando a essa obrigação primeirís-

sima, todas as possibilidades de utilização mais útil e proveitosa desses momentos. Nesse horário "sagrado" é impensável levar aquele papo com a filha que está com a cabeça cheia de problemas, fazer ou receber uma visita, e fica sempre adiada aquela reunião de família tão urgente. Nem pensar em sair de casa, para a reunião da associação de moradores, do sindicato, da escola ou do seu movimento de Igreja. "Não marquem essa reunião no horário da novela, minha gente."

E se o telenovelomaníaco acompanha, ao mesmo tempo, duas, três ou mais novelas?... O filme "Muito além do jardim" foi baseado no excelente livro cujo título é "O Vidente" .. aquele interessantíssimo personagem que viveu trancado toda a vida, tendo apenas pela TV o único contato com o mundo. Porque o vício pela TV realmente tende a imbecilizar o espectador que se limita a receber passivamente, sem qualquer esforço, a imagem pronta para consumo, durante longas horas por dia. Esse risco nem sempre é percebido.

Quando você lê um bom romance, sua imaginação é ativada e tem que funcionar a todo vapor. Os personagens criam um rosto na sua mente, os cenários se formam em sua imaginação, a partir de uma descrição literária, que deixa ao leitor, ampla margem de participação e criatividade na composição dessas imagens. Na TV, não. Vem tudo pronto, para você engolir sem esforço, passivamente, sem apelo à imaginação. Assim, vai-se diluindo e pode desaparecer a sua capacidade de abstração, de concentração, de aprendizagem, de assimilação de novos conceitos e idéias transmitidos pela palavra, libertada da imagem visual acabada. É o que já está caracterizando a geração TV, os jovens que se viciam a essa passividade intelectual, e não são capazes de se expressar, narrar, expor suas idéias ou fazer uma simples redação no vestibular.

Poderíamos ir mais longe. Mas não vamos crucificar a TV. Sua utilidade é indiscutível, e pode ser um instrumento insubstituível de apoio à humanização do homem. Espetáculos culturais, artísticos, musicais de custo milionário, tem chegado com perfeição técnica apurada a casas modestas, única possibilidade de acesso de milhões de espectadores ao que de mais valioso tem produzido a humanidade. Quem não se extasiou, vendo cantarem juntos, Pavarotti, Carreras e Plácido Domingo?

Filmes científicos e culturais têm disseminado conhecimentos fantásticos a multidões, que de outra forma, estariam à margem de tudo isto. Sem contar a oportunidade de se reverem deliciosos filmes comerciais que já não são exibidos nos cinemas.

Destaques especiais para os programas políticos, em períodos eleitorais, que permitem ao povo conhecer e confrontar propostas de diferentes correntes ideológicas, livremente expostas, não obstante a falta de sinceridade e transparência de al-

## CLAUDIUS



guns discursos e certas espertezas que não consideram princípios éticos elementares. Coisas que o povo nem sempre consegue perceber de pronto mas saberá conferir mais tarde, dando o troco devido.

Em suma, a TV tem um tremendo potencial humanizador e outro fantástico potencial desagregador e alienador. Depende do espectador escolher o potencial que lhe serve. Sua arma decisiva é o clic, aquele botão mágico que liga e desliga o aparelho, afinal de contas tão obediente... ■

(S. & H.A.)

# A família, mistério e esperança para o terceiro milênio

Hélio e Selma Amorim

Estudo apresentado no 4º Encontro Mundial da Família, do MFC, Avila, Espanha, setembro de 1989.

Texto-base de apoio ao temário "Para que serve a Família?", publicado neste número, para ser utilizado por Grupos ou Comunidades Familiares do MFC.

Nos países do primeiro Mundo, nos grandes centros urbanos do terceiro Mundo, penetrados pela "modernidade" gerada pelo desenvolvimento da ciência e da técnica, muitas se perguntam se acaso ainda vale a pena falar sobre a família.

Não será esta uma instituição anacrônica condenada à extinção em curto prazo? Para que serve hoje a família? Talvez já não sirva para nada! Quem sabe, no passado terá servido para algo mas hoje já não faz muita falta.

Outros perguntam: existirão famílias no terceiro milênio? Estas perguntas são de fato incômodas para as pessoas que pertencem a um movimento familiar e por certo reconhecem o valor e a importância da família. Mas não são perguntas que devem ser descartadas. São perguntas que têm uma boa dose de consistência e certa lógica.

Porque temos que reconhecer a família de fato perdeu várias funções que no passado a definiam como família. Esta observação se aplica a um determinado tipo de família que poderíamos chamar de "família tradicional" dos estratos médios altos da sociedade. Este tipo de família perdeu, pouco a pouco, muitas funções consideradas essenciais, intransferíveis. Ora, se uma instituição perde as funções essenciais que a definem, perde também a razão de existir.

Esta é a lógica simples do anúncio da morte da família.

Se contestamos os que anunciam aquela morte e lhes dissermos que a sua leitura é muito parcial, aplicável a um modelo de família de setores privilegiados, a resposta virá rápida:

"Não nos ocupamos da família marginalizada das classes pobres para ser evidente que esta não possui condições de exercer nenhuma das funções familiares essenciais."

Retornemos à perda das funções familiares a que elas se referem



mo essenciais. O que se passou com essa família?

A família tradicional detinha com quase exclusividade a função educativa, escolhia a profissão dos filhos, estabelecia os códigos de comportamento dos seus membros, exercia as funções econômica, protetora e definidora do status social, político e religioso do grupo familiar. Tais funções foram perdidas, superadas ou divididas com outras estruturas sociais intermediárias, talvez

até mais eficientes. A escola, a universidade, a seguridade social, os meios de comunicação social, as múltiplas organizações de formação técnico-científica e profissional especializadas, a legislação econômica cada vez mais complexa, todo este aparato estrutural, enfim, assume de forma crescente, as funções educativa, protetora e econômica da família.

A consequente mobilidade social, as oportunidades de ascenção social

tempo em que, os filhos e os netos se casavam e continuavam vivendo junto com os pais e avós na mesma propriedade familiar ou na mesma cidade, muito próximos e solidários. A vida moderna quase sempre obriga à dispersão dos membros da família por imposição do mercado de trabalho ou na busca de oportunidades de plena realização pessoal e de respostas para as aspirações próprias da vocação de cada um.

Se aceitamos que aquelas são as funções que definem a família, não nos resta outra atitude senão nos alarmar e concordar que a família já não serve para nada. Neste caso nosso estudo terminaria aqui.

Sucede que esta construção aparentemente lógica está totalmente equivocada, pois aquelas funções da família tradicional não são as funções **essenciais** da família como a concebemos hoje.

O que se passou foi de fato o seguinte: a família teve que assumir estas funções no passado, por não existirem, ou por serem muito frágeis, as estruturas sociais que deveriam exercê-las. Ao assumi-las, permaneceram tão absorvidas exercendo-as, que muitas vezes foram esquecidas outras funções seguramente mais importantes e que em certa forma são **essenciais** e **intransferíveis**.

A conclusão portanto, é oposta àquela dos que anunciam a morte da família: **a perda de muitas funções clássicas da família tradicional terminou por criar situações favoráveis ao exercício das verdadeiras funções familiares que dificilmente podem ser transferidas às estruturas sociais intermediárias.**

Destas funções é que desejamos tratar.

Parece-nos oportuno expor o que parece óbvio porque muitas famílias ainda não perceberam estas modificações profundas e sofrem por não saberem para que servem, hoje.

cristal e cortar bem cedo o cordão umbilical, renunciando à tentação de uma excessiva proteção.

Pais, filhos, esposos e irmãos podem ajudar-se mutuamente a desocultar os mecanismos e preconceitos sociais, culturais ou políticos que podem estar condicionando comportamento e relações familiares originando dificuldades e conflitos. Este processo leva ao desenvolvimento da consciência crítica e à superação de uma visão ingênua do modelo de sociedade em que a família deve viver.

Além disso, as responsabilidades familiares devem ser adequadamente compartidas por todos os seus membros, todos participantes dos problemas que afetam a família. Nada deve ser ocultado para que todos se sintam ouvidos na busca de soluções e correspondentes pelos resultados das decisões.

Este modelo de relações familiares resulta no desenvolvimento da personalidade e no crescimento de todos como autênticas pessoas humanas, livres, conscientes e responsáveis. Pelo contrário, modelos excessivamente protetores, impositivos, dogmáticos, diretivos e paternalistas atrasam aquele processo e podem criar personalidades frágeis, dependentes, sem iniciativas, talvez frustradas e socialmente inúteis.

## 1.1 A função de personalização na perspectiva da fé.

Para as famílias cristãs esta função possui uma conotação especial. Para o cristão a pessoa humana foi criada à "imagem e semelhança de Deus". Esta revelação lhe outorga uma dignidade intocável e inalienável que todos devem respeitar de forma absoluta e radical.

Sendo assim, todo e qualquer tipo de relações ostensivas ou sutis de dominação, manipulação, alienação, falta de respeito, agressão física ou moral é contrário à concepção cristã da pessoa humana.

e profissional, o dinamismo do mercado de trabalho e as alternativas ampliadas de inserção política esvaziaram a função definidora do status social dos seus membros, o qual já não depende de forma tão decisiva, da origem familiar.

Além do mais, ao dividir as suas funções tradicionais com outras estruturas sociais, a família percebe que já não é um bloco monológico e uniforme de pessoas com uma mesma religião e ideologia, com os mesmo valores éticos e morais. Tampouco subsistem condições para que a família tradicional mantenha esta conformação patriarcal extensa do

Por isso mesmo, para os cristãos, desenvolver a liberdade, a consciência e a responsabilidade das pessoas é colaborar para que o projeto de Deus para o homem se cumpra ou seja, a sua plena humanização que se alcança na medida em que a "imagem e semelhança" sejam realidades em cada pessoa humana.

As relações entre esposos, pais, filhos e irmãos, na família cristã, são iluminadas por esta revelação de Deus sobre a dignidade da pessoa. Este é o condimento especial da função de personalização para as famílias cristãs. Isto não quer dizer que os não-cristãos não exerçam esta função com o mesmo empenho e reconhecimento da dignidade humana. A diferença está justamente no fato de que o cristão sabe que esta dignidade tem como referência Deus e portanto é mais exigente, mas absoluta e mais radical.

Além disso, ao aceitar o mandamento divino "sejam fecundos", a família cristã aceita implicitamente a responsabilidade de criar vida, o que não se limita à procriação. A família é fecunda quando contribui para a humanização dos homens, ou seja, quando ajuda, não somente os seus membros mas também a outras pessoas e famílias a passarem de condições menos humanas a condições mais humanas de vida, em todos os sentidos, não somente no material como também no psicológico, cultural, social, moral, espiritual e demais dimensões da pessoa humana.

Esta é a perspectiva cristã da função de personalização da família.

### 1.2 Dificuldades para o exercício da função de personalização.

A maioria das famílias no mundo atual vive em condições desumanas, no que diz respeito a moradia, saúde, alimentação e condições de trabalho. Falta-lhes tempo e espaço físico adequados para a vivência de rela-

ções familiares favoráveis ao diálogo construtivo e ao intercâmbio de experiências capazes de contribuir para o desenvolvimento equilibrado da personalidade dos seus membros quase sempre dispersos em locais de trabalho, distantes de suas casas, se as possuem. Ou nas ruas, onde os filhos por não possuirem escolas nem espaços domésticos, se formam para a vida. Neste imenso contingente de famílias do Terceiro Mundo e das periferias urbanas do Primeiro Mundo, os filhos iniciam desde muito cedo o exercício profissional informal, muitas vezes ilegal, ingressando logo na marginalidade por pressão da fome e da miséria.

De outro lado, em sociedades abundância, vemos estabelecerem-se mecanismos de alienação que retardam ou impedem o desenvolvimento da consciência, levam à fuga de responsabilidades e suprimem a liberdade, de uma forma muito particular através dos meios de comunicação social. Estes mecanismos de alienação condicionam e escravizam pessoas e as famílias na busca desenfreada e angustiante de possuir bens materiais e poder, com as consequentes frustrações e os seus efeitos: o alcoolismo, a droga, a violência, o tédio e o desespero.

Os cristãos não podem deixar de denunciar a injustiça presente nessas situações, tanto as que produzem marginalidade da maioria dos benefícios do progresso e da civilização, como a que alimenta os mecanismos de alienação por interesses corporativos ou ideológicos interessados em desviar a atenção do povo dos seus problemas e das injustiças praticadas por quem detém o poder político, nem sempre exercido legitimamente.

Para a maioria das famílias, estas são algumas das mais visíveis dificuldades para o exercício da função de personalização. Frente a estes instrumentos de iniquidade, os cristãos não podem calar a sua indignação!

também haja momentos para o exercício dessas funções. Mas as relações predominantes devem ser as interpessoais profundas nas quais todos, sem medo, se revelem como pessoas e não como personagens de uma peça de teatro.

De outro lado, a função de socialização leva a família a preparar seus membros para sua inserção na sociedade mais ampla. Não como se propunha no passado, por orientação dos psicólogos de velhas escolas, ao se pedir que as famílias formassem pessoas perfeitamente adaptadas ao meio social, no qual deveriam se inserir. O objetivo era, então, garantir que tal inserção fosse natural e harmoniosa, sem conflitos que pudesse produzir reflexos psicológicos negativos sobre a personalidade de quem não aceitasse as regras sociais vigentes. Assim se formavam pessoas acomodadas, incapazes de questionar o "status quo", preparadas para o conformismo.

Nas sociedades marcadas pela injustiça no relacionamento entre os homens, o conformismo é intolerável. Pede-se hoje às famílias que exerçam a função de socialização num sentido radicalmente diferente. Trata-se de preparar os seus membros para que sejam capazes de questionar criticamente e transformar essa sociedade, embora esta inserção produza crises de adaptação e sofrimentos. A própria família ajudará a elaborar e superar tais crises que construtivamente assimiladas serão fecundas e transformadoras. Há que aceitar correr riscos, o que jamais será uma opção fácil.

### 2.1. A função de socialização na perspectiva da fé.

O projeto de Deus para o Homem é a sua plena humanização. O modelo bíblico do homem humanizado é Jesus Cristo o "novo Adão" que encarna em plenitude "a imagem e semelhança", que nos apresenta o re-

lato da Criação. Para isto Deus criou o homem e a mulher. Por isso, Deus é modelo para a humanização do Homem.

Para ser o modelo, Deus através de seu Filho, revela-se ao homem como Trindade isto é, comunidade perfeita de pessoas. Nosso Deus, o Deus da Bíblia, o Deus de Jesus Cristo não é solidão e sim relação interpessoal perfeita e profunda.

Sendo assim, o homem somente se realiza como pessoa, na medida em que vive, igualmente, relações interpessoais profundas, não somente em sua família mas também na comunidade mais ampla.

Também os não-cristãos promovem este processo de socialização. Mas os cristãos sabem que se trata de uma exigência para se fazer real a "imagem e semelhança" do homem a Deus.

Para fazê-lo, o cristão terá de desfutar as muitas imagens falsas de Deus que estão presentes em nossas culturas e religiosidade. Para muitos, Deus é um ser autoritário e tirânico, que castiga duramente quem não segue seus mandamentos e atende pressuroso a quem lhe pede favores mediante promessas pouco honestas. Em outras palavras, criaram um deus à sua própria imagem e semelhança.

Para desempenhar bem a função de personalização na perspectiva cristã, é preciso conhecer o verdadeiro Deus da Bíblia. Vemos, por exemplo, que nosso Deus se fez presente e intervém na história. Sempre que o faz toma partido dos mais frágeis, dos perseguidos, dos oprimidos, dos pobres. Sua intervenção é frequentemente conflitiva.

Se este Deus é modelo para a humanização do homem, isto aponta para um determinado tipo de socialização a que anteriormente nos referimos. Trata-se de inserir-se criticamente na sociedade, não se conformando com a injustiça, aceitando os conflitos que derivam desta inserção

crítica, assumindo a causa dos pobres e oprimidos, em atitude profética, com os riscos consequentes.

Ao formar os seus membros para viverem relações interpessoais profundas e se inserirem criticamente na sociedade, a família cristã cumpre a sua função de socialização numa autêntica perspectiva de Fé.

## 2.2 Dificuldades para o exercício da função de socialização

Denunciamos em primeiro lugar todas as expressões do individualismo que caracterizam as sociedades desenvolvidas ou em vias de desenvolvimento. Nestas se alimentam a ânsia do êxito social e a busca obsessiva do ter o do poder através de uma selvagem competição.

Vemos que, longe de ser o grupo ideal para que a pessoa viva relações interpessoais autênticas, grande número de famílias, condicionadas por pressões externas irresistíveis, se reduzem a grupos meramente funcionais. Grupos limitados a assegurar um lugar de repouso, se isto ainda lhes for possível, e algumas relações funcionais para o desempenho de tarefas ou a satisfação de algumas das necessidades básicas dos seus membros. Na situação de crescente miséria, em nosso país, nem sempre isto conseguem a maioria das famílias. Temos de reconhecer, também, que as relações familiares são quase sempre um produto do modelo de relações que predominam no mundo exterior e não, ao contrário, definidoras destas mesmas relações sociais. Isto quer dizer que não basta preparar as famílias para que vivam relações personalizantes para que estas mudem a sociedade. É necessário e urgente promover transformações profundas, audazes e inovadoras, para neutralizar ou atenuar as pressões desagregadoras que a sociedade exerce sobre as famílias, pressas fáceis e vulneráveis destas influências.



### **3 Família e afetividade**

Mesmo para os não cristãos "o amor é a única resposta ao problema da existência humana" (E. Eromm).

Entretanto, devemos reconhecer que no mundo predominam o egoísmo, a competição e o desamor. São comuns os modelos de relações de dominação-dependência, de opressão e discriminação de variados matizes. Para muitos, não é fácil descobrir que somente o amor liberta o homem e responde às suas mais profundas aspirações existenciais.

Além disso vemos que o amor incipiente que surge entre pessoas, inclusive o amor que leva um homem e uma mulher ao matrimônio, mantém-se, frequentemente em nível infantil e superficial, assumindo formas de egoísmo-a-dois, egoísmo de família ou egoísmo de grupo. Trata-se de formas falsas ou equivocadas de amor.

Constatase também que muitas pessoas conseguem amadurecer intelectualmente, socialmente e na profissão ou mesmo na política, mas se mantêm imaturas afetivamente. Esta é hoje uma das grandes preocupações dos grupos políticos ativos,

cujos líderes e militantes se apresentam com graves desvios de comportamento, atribuídos à frustração em sua vida afetiva, desvalorizando equivocadamente, como entrave, opção da militância política mais radical.

A função afetiva da família supõe portanto, a superação do individualismo e do egoísmo para que seus membros aprendam a viver o amor-serviço o amor gratuito que é se-parar-para-o-outro. Trata-se de criar condições favoráveis para o amadurecimento afetivo dos seus membros essencial para o desenvolvimento equilibrado da personalidade.

#### **3.1 - A função afetiva perspectiva da fé.**

Para os cristãos o amor não é mente "a resposta ao problema existência humana" e sim o sinal que o Reino de Deus já começa a existir desde aqui e agora.

Deus é amor e modelo para Homem, criado à sua imagem e semelhança como recordamos anteriormente. Sendo assim, o homem somente se humaniza se for capaz de amar. Se vive o amor, o homem torna-se semelhante a Deus que ama.

Mas o amor na perspectiva evangélica é extremamente exigente, amor-doação, amor-serviço, amar fiel, é dar a vida pelo irmão. É amar amigo e o inimigo. É amar todos os homens sem discriminações.

Aprende-se a viver o amor nas relações familiares mas é falso amor que se limita ao âmbito da família e exclui o amor às demais pessoas. A família cristã deve aprender a formar os seus membros para este tipo de amor do qual Deus é modelo.

As formas particulares de amor são muito ricas e especiais, que se vivem na família, o amor conjugal, o amor entre pais e filhos e entre irmãos, podem ser o impulso e modelo para

ver o amor fraterno de serviço a todos os homens como sinal, fermento e sal, que transformam e dão consistência às denúncias dos cristãos contra os mecanismos sociais geradores do desamor e do ódio. Assim a família cristã exerce a função afetiva na perspectiva da Fé.

#### **3.2 - Dificuldades para o exercício da função afetiva**

Em nossas sociedades apresentam-se como verdadeiras, as formas falsas de amor, muito distanciadas da visão adulta e madura do amor. Apresentam-se como amor as muitas formas de prática sexual esvaziadas de qualquer expressão afetiva e humanizadora, as relações superficiais e infantis de sentimentalismo, o "amor livre" que não é resposta ao problema da existência humana, que não leva ao compromisso efetivo com o bem do outro, que tantas vezes não passa de uma forma peculiar de egoísmo.

Os meios de comunicação social são os veículos mais eficientes para a transmissão e valorização das formas

equivocadas ou falsas de amor através de filmes ou novelas produzidas num determinado contexto cultural penetrando em outros países e culturas com a sua mensagem manipulada por interesses comerciais e ideológicos. A penetração de tais mensagens na mente das pessoas dificulta a formação para o amor adulto verdadeiro.

Por outro lado, depois de tantas guerras que difundiram ódio e alimentaram paixões desenfreadas, vemos como persistem sistemas, regimes políticos e ideologias que mantêm a mesma atmosfera de ódio. Repressão, perseguições e tortura – que seguem sendo comuns em muitos países – geram a violência e a contra-violência.

A difusão de modelos falsos de amor e a atmosfera de desamor presentes no mundo constituem dificuldades para o exercício da função afetiva ao gerar ceticismo especialmente entre muitos jovens que já não creem na possibilidade de se criarem novos modelos alternativos de convivência entre os homens, baseada na solidariedade e na fraternidade.



## 4 Família, fé e valores

As famílias são veículos naturais de transmissão de valores e crenças seja pela palavra ou pela vivência dos seus princípios éticos, morais, filosóficos e políticos.

Esta transmissão de valores dos pais aos filhos e dos filhos aos pais é um processo natural e espontâneo que se desenvolve através da convivência e no diálogo familiar. Não é frequente que esta transmissão de valores se faça de forma sistematizada ou pedagogicamente elaborada. Esta transmissão de valores inclui as crenças religiosas, a visão de mundo, os juízos sobre os acontecimentos e os projetos de vida. Esta é uma função importante da família.

### 4.1. – A função de transmissão de valores na perspectiva da fé

Muitos pais cristãos, apesar de sua boa formação catequética, suas práticas religiosas e de participarem em movimentos e atividades eclesiás sentem-se incapazes de transmitir sua fé a seus filhos. Estes pais sentem que não sabem expressar sua fé como algo significativo para seus próprios filhos.

Para outros, acrescente-se a estas dificuldades o desconhecimento dos fundamentos básicos de sua própria fé, como consequência de uma catequese deficiente. Para muitos, a fé não passa de umas tantas práticas de religiosidade infantil, sem profundidade nem coerência. Falta a maturi-

dade na fé.

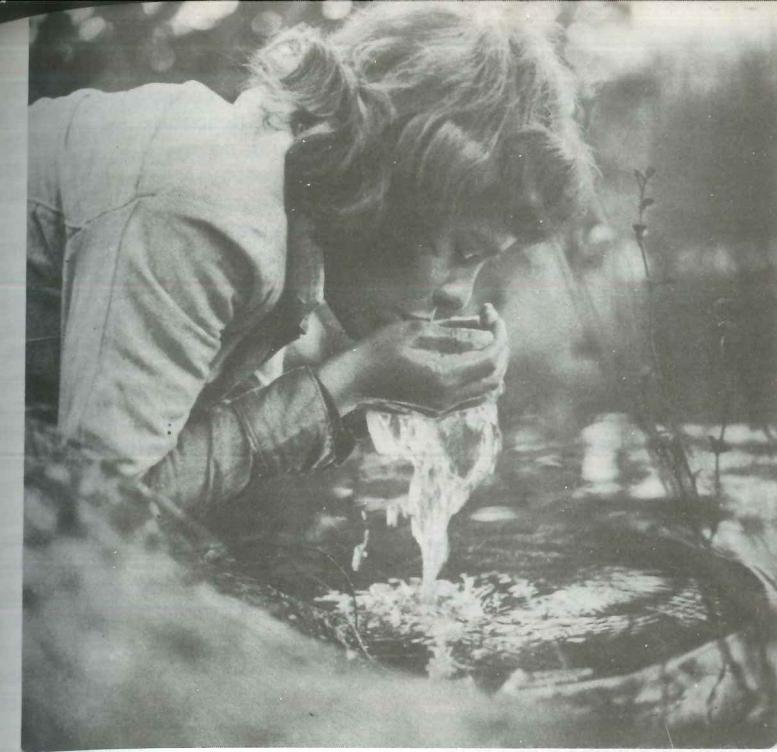
Esta pode ser a causa do fracasso de tantas famílias cristãs em seus intentos frustrados em exercer esta função de transmissora da fé. Os destinatários destes esforços possuem senso crítico para identificar contradições entre o que se fala e o que se vive, rechaçando assim a mensagem transmitida.

Os filhos recebem uma visão infantil da fé quando são crianças ou adolescentes para logo rejeitar tudo ao chegar a um grau de amadurecimento no qual já não existe lugar para crenças antigas e práticas infantis. Isto acontece porque aquilo que se transmite para eles, como se fosse fé cristã, não é nada mais do que umas tantas proibições e regras morais, uma visão deformada de Deus da Bíblia, algumas obrigações de frequência ao culto e aos sacramentos, entendidos por eles como práticas mágicas, desconectadas da vida.

A essência da fé cristã está em assumir a responsabilidade da edificação do Reino de Deus desde a História, através da prática da justiça e do amor, sem perder de vista a sua dimensão de transcendência, isto é, que a plenitude do Reino só será alcançada depois da morte. Está na compreensão de que o projeto de Deus para o Homem é a sua plena humanização e que, como cristãos, teremos de assumi-lo como nosso.

Está em compreender que a fé e a vida estão intimamente unidos e portanto, que a fé supõe o compromisso social e político para a construção de um mundo mais justo. Está em compreender que Jesus assim procedeu e que a espiritualidade cristã é o seguimento de Jesus. Está em compreender que estas opções se celebram no culto e se alimentam nos sacramentos.

Será esta fé que os pais cristãos apresentam a seus filhos? Se assim fazem, seguramente será eficaz o exercício da função de transmiti-la.



### 4.2 – Dificuldades para o exercício da função de transmissão de valores e da fé

O progresso técnico-científico vai eliminando a antiga visão do mundo na qual o cristianismo viveu e se expressou. Tal visão de mundo possuía linguagem própria, usada durante quase dois mil anos para comunicar o cristianismo. Com o desenvolvimento da ciência moderna, surge uma nova visão de mundo e consequentemente uma nova linguagem. As pessoas que falam esta nova linguagem não entendem mais a linguagem dos cristãos que não aprenderam a nova, que é própria da nova visão do mundo e da cultura moderna.

Os filhos que nascem no mundo moderno e dominam esta linguagem não entendem a palavra usada pelos pais para transmitir a fé. Portanto é urgente resolver o problema da comunicação da fé na linguagem pró-

pria de nosso tempo.

De outro lado é crescente o pluralismo religioso nas sociedades modernas. Não subsiste no mundo a situação de cristandade na qual, por serem todos cristãos, qualquer preocupação com a fé pessoal era secundária.

Nesse pluralismo religioso, os cristãos com uma formação frágil recebem a influência de religiões orientais, o impacto das seitas pentecostais, apoiadas pelos meios de comunicação de massa e convivem com os ateus. Se a sua fé não for madura, o cristão perceberá, perplexo, a sua incapacidade de expor razões convincentes para as suas frágeis convicções.

Estas dificuldades serão superadas pelas famílias que assumem como intransferível esta função de transmissão de sua Fé e dos seus valores, entre seus membros e à comunidade maior em que estão inseridas.

## 5 Família e consciência sócio-política

As famílias cujos membros possuem uma forte sensibilidade social e são iluminados por um rico humanismo assumem a promoção do bem comum como tarefa que a sua consciência exige. Quando os pais possuem esta sensibilidade transmitem-na aos filhos; também os filhos que desenvolvem esta sensibilidade, através da sua inserção nas estruturas sociais intermediárias, transmitem-na aos pais. Assim a família é um espaço muito apropriado para animar seus membros e formá-los para assumir essa tarefa.

A formação na família se inicia com a tomada de consciência da iniquidade presente nas estruturas sócio-políticas e econômicas que marginalizam a maioria das famílias, condenadas a vender a força de trabalho físico dos seus membros para sobreviver biologicamente e nada mais. Frente a tal iniquidade a família desenvolve fortes sentimentos de incorformismo em seus membros e juntos buscam descobrir que papel poderão ter nas necessárias mudanças sociais. Assim, todos devem sentir que possuem uma responsabilidade intransferível e não podem se manter à margem da História.

Esse processo leva ao desenvolvimento da consciência crítica que permitirá descobrir os mecanismos da iniquidade social e levará a assumir o processo de mudanças efetivas que os neutralizem.

O exercício desta função supõe a rejeição dos instrumentos de alienação que penetram nas famílias através dos meios de comunicação social e as pressões da sociedade de consumo. Essas pressões são muitas elaboradas por quem não deseja que a família forme cidadãos com forte senso crítico, não conformista, que denuncie incomodamente a iniquidade social.

As famílias que o fazem, exercem com efetividade a sua função de promoção do bem comum. Esta é uma nobre função familiar.

### 5.1 – A função de promoção de bem comum na perspectiva da fé.

A família cristã pertence a uma comunidade chamada Igreja, Povo de Deus, cuja missão é anunciar e fazer presente, desde agora e aqui, o Reino de Deus que Jesus veio instaurar na história humana. A plenitude do Reino se realizará depois da História mas passa necessariamente por conquistas parciais e limitadas na mesma História humana. O Reino se faz presente no mundo em cada ato humano ou acontecimento, em que a justiça vence a injustiça, e relações de fraternidade substituem relações de opressão, de competição ou de agressão à dignidade do homem.

Assumir tal missão é ser Igreja, família que toma a Igreja como modelo do seu ser, sua vida e sua ação, chama-se Igreja Doméstica.

Muitos não-cristãos estão igualmente empenhados na construção de um mundo mais justo e fraterno. Os cristãos não são melhores do que eles. Cristãos e não-cristãos talvez estejam dispostos a dar a vida por sua missão. Mas há uma diferença

ca. Os cristãos sabem que esta luta em favor da humanização do homem e das estruturas sociais corresponde ao projeto de Deus: é a participação na edificação do Reino de Deus que não se reduz às conquistas no campo político e social mas passa necessariamente por elas. Além do mais o cristão tem certeza absoluta de que o Reino se realizará em plenitude no fim dos tempos e que todas as conquistas em favor da justiça e do amor, na História, serão visíveis e reconhecidas no Reino definitivo.

Portanto, por mais que pareça limitada toda ação orientada ao bem comum, à superação da iniquidade presente no mundo será anúncio e participação do Reino.

Para o cristão esta participação nas tarefas de edificação do Reino não é facultativa e sim uma exigência da sua fé. Facultativos foram o batismo e a confirmação. Opcional é ser ou não ser cristão.

Depois de assumir ser cristão, não é mais possível fugir das responsabilidades da promoção da justiça e do amor. As famílias que formam os seus membros para que assumam estas responsabilidades são verdadeiras Igrejas Domésticas. Esta é a perspectiva cristã da função familiar de promoção do bem comum.

### 5.2. – Dificuldades para o exercício da função de promoção do bem comum.

A formação de pessoas cristãs ou não cristãs, com forte sentido crítico, capazes de detectar as situações de iniquidade e o suficientemente valentes para denunciá-las, será vista com desconfiança e apreensão por quem detém o poder político e econômico e o mantém através da alienação e conformismo do povo ou por força das armas. Para se protegerem criam então mecanismos de controle, intimidação, repressão e alienação, que constituem dificuldades para o exercício desta e outras funções familiares.



Os não-conformistas são identificados pelo controle social e político. São impedidos de manifestar as suas ideias, através da censura e da intimidação. A repressão é um mecanismo que simplesmente exclui do cenário quem não se cala.

A alienação é aparentemente mais sutil. São mecanismos que desviam a atenção dos oprimidos, marginalizados e inconformados para reivindicações secundárias, mantendo-os mobilizados dom distrações inocentes que acalmam o seu inconformismo.

Mecanismos dessa índole imobilizam muitas famílias que, intimidadas e vulneráveis, podem se conformar e renunciar ao exercício das suas funções mais exigentes. Embora seja duro dizê-lo, esta não pode ser a opção da família cristã que, com os riscos que isto supõe, saberá ser prudente sem renunciar à responsabilidade que lhe toca nas tarefas do Reino.

O mesmo sucedeu a Jesus. Também Ele teve medo e todos nós conhecemos o desenlace da conspiração dos poderosos do seu tempo: o duro preâmbulo da alegria da Resurreição! ▶

e destruídas por guerras e calamidades que produzem a morte de grandes contingentes humanos.

Famílias submetidas a regimes políticos que não respeitam os Direitos Humanos e da família, regimes baseados na ideologia de Segurança Nacional com a supremacia do Estado sobre a pessoa, que impõem medo, a intimidação e a morte dasque se opõem à injustiça institucionalizada. Famílias incompletas pela falta do pai ou da mãe, por morte, migração ou abandono do lar.

Famílias igualmente incompletas, pela falta do vínculo afetivo entre os seus membros, por pressões sociais desagregadoras. Famílias sufocadas por graves problemas psicológicos, alcoolismo, droga e desvios de comportamento. Famílias, enfim, que sofrem por se sentirem impotentes frente a tantas dificuldades!

Entretanto, o que muitas vezes assistimos surpreendidos é o que podemos chamar de "o mistério da família". Famílias submetidas a condições tão difíceis de vida, em surda denúncia do pecado social, conseguem resguardar ainda que imperfeitamente o tempo simbólico do encontro interpessoal de amor, a solidariedade e ajuda mútua entre os seus membros e com a sua comunidade, mesmo vivendo em precárias habitações que nem sempre merecem sequer este nome. O mesmo percebemos em famílias submetidas a outras dificuldades e incompletudes, sofrimento e frustrações.

Isto sucede porque a Graça de Deus atua nas relações familiares, onde, não obstante tudo conspirar contra, um sopro de amor subsiste e se faz sinal da presença viva e fecunda do Senhor. Por isso, pelo amor que é a revelação do seu mistério, a família seguirá sendo, no terceiro milênio, o mais rico espaço em que os homens encontrarão respostas sempre novas aos impulsos vitais que Deus inscreve no mais profundo do seu ser.

## Concluindo

Devemos denunciar com indignação e tristeza que a grande maioria das famílias no mundo vive em condições subhumanas, quase impossibilitadas de exercer as suas funções.

Esta situação configura uma afronta à dignidade da pessoa humana e da família. Está em grave contradição com o projeto de Deus para o Homem e com as exigências evangélicas da justiça e do amor. Tal situação deve ser condenada com severidade por todos os cristãos comprometidos com o anúncio e com a edificação do Reino de Deus.

Famílias condenadas à luta sem trégua pela simples sobrevivência biológica, a doença, a desnutrição e o analfabetismo; a viver em condições desumanas de habitação e trabalho, obrigadas a migrações forçadas que as separam, expulsas das suas terras



*"O tempo está chegando quando o homem não mais lançará a flecha do seu desejo para além de si mesmo e a corda do seu arco se esquecerá de vibrar... O tempo está chegando quando o homem não mais dará à luz uma estrela. O tempo do mais desprezível dos homens..."*

# A águia que (quase) virou galinha

Rubem Alves

*"O tempo está chegando quando todas as águias se transformarão em galinhas."*

A idéia desta estória não é minha. Meu é só o jeito de contar...

Sobre uma águia que foi criada num galinheiro.

E foi aprendendo sobre o jeito galináceo de ser, de pensar, de ciscar a terra, de comer milho, de dormir em poleiros...

E na medida em que aprendia ia esquecendo as poucas lembranças que lhe restavam do passado. É sempre assim: todo aprendizado exige um esquecimento... E ela desaprendeu

os cumes das montanhas,  
os vôos nas nuvens,  
o frio das alturas,  
a vista se perdendo no horizonte,  
o delicioso sentimento de dignidade e liberdade...

Como não havia ninguém que lhe falasse destas coisas, e todas as galinhas cacarejassem os mesmos catecismos, ela acabou por acreditar que ela não passava de uma galinha com perturbação hormonal, tudo grande demais, aquele bico curvo, sinal certo de acromegalía, e desejava muito que o seu cocô tivesse o mesmo cheiro certo do côco das galinhas...

22

Um dia apareceu por lá um homem que vivera nas montanhas e vira o vôo orgulhoso das águias.

"Que é que você faz aqui?", ele perguntou.

"Este é meu lugar", ela respondeu. "Todo mundo sabe que galinhas vivem em galinheiros, comem milho, ciscam o chão, botam ovos e finalmente viram canja; nada se perde, utilidade total..."

"Mas você não é galinha", ele disse. "É uma águia."

"De jeito nenhum. Águia voa alto. Eu nem sequer voar sei. Prá dizer a verdade, nem quero. A altura me dá vertigens. É mais seguro ir andando, passo a passo..."

E não houve argumento que mudasse a cabeça da águia esquecida. Até que o homem, não aguentando mais ver aquela coisa triste, uma águia transformada em galinha, agarrou a águia a força, e a levou até o alto de uma montanha. A pobre águia começou a cacarejar de terror, mas o homem não teve compaixão: jogou-a no vazio do abismo. Foi então que o pavor, misturado a memórias que ainda moravam em seu corpo, fez as asas baterem, a princípio em pânico, mas pouco a pouco com tranquilidade, dignidade, até se abrirem confiantes, reconhecendo aquele espaço imenso que lhe fora roubado.

E ela finalmente compreendeu que o seu nome não era galinha, mas águia...

Esta estória foi escrita na África, um profeta dizendo aos seus companheiros:

"Vejam a que estado os brancos nos reduziram: águias que andam como galinhas... É preciso voar de novo..."

Mas eu senti que era muito mais que isto, porque comecei a ver galinhas espalhadas por todas as partes, e águias domesticadas e humilhadas, felizes por ciscar a terra e comer milho...

E me perguntei se não é isto que acontece nesta coisa que se chama lar, de chinelo, pijama, bob na cabeça e os mesmos cacarejos milharescos, longe, muito longe do ar frio das alturas...

E a igreja, galinheiro sagrado, em que os cacarejos se transformam em catecismos, as águias são condenadas ao silêncio e quem anda diferente é mandado para o inferno...

Também as escolas, que se espe-

cializam nesta curiosa metamorfose, de transformar águias em galinhas, para que não falte canja. E os pais se rejubilam quando a magia chega ao fim, e as águias solitárias (são sempre perigosas e imprevisíveis) recebem seus diplomas galináceos. Agora são iguais como todos os demais; podem arranjar seus empregos, botar seus ovos, chocar seus filhos, até o glorioso momento de serem transformadas em canja...

E esta coisa a que se dá o nome de Estado, incrível abstração, como a Santíssima Trindade, com a diferença que agora a gente vê aqueles rostos terríveis, galináceos, dos quais desapareceu qualquer vestígio de eternidade, e discutem sobre se devem ou não usar gravata em plenário, e acham certo que se fabriquem armas (é bom negócio), e não percebem os sinais do furacão que se aproxima...

E as águias acabam por se convencer que o seu tempo já passou. ■

(Tempo e Presença, 09/87)



# A implosão do socialismo autoritário

Frei Leonardo Boff, OFM

Nos inícios de fevereiro fomos convidados, Frei Betto e eu para participarmos de distintos debates na Alemanha Oriental acerca da nova situação criada com a derrocada do regime socialista. Primeiramente foram três dias de conferências seguidas de vivas discussões na Humboldt - Universitat Berlin. O tema geral era: simpósio ecumônico sobre questões da paz. Tudo foi enfocado, seja por nós, seja pelos oradores alemães, na perspectiva da crise do socialismo e do Terceiro Mundo. Aliás lá se criou uma expressão, feliz que somente pode ser dita em alemão: Zweidrittelwelt (o mundo dos dois terços que são pobres). Em seguida foram sucessivos encontros com grupos de igreja, católicos e luteranos, mas com a presença também de jovens e estudantes; depois vieram encontros com marxistas e cientistas sociais. Por fim foram as entrevistas para a imprensa e para a televisão. Ao invés de um relatório mais ou menos minucioso dos encontros, prefiro ressaltar alguns pontos mais significativos.

## 1. Fim do Kommando-socialismo

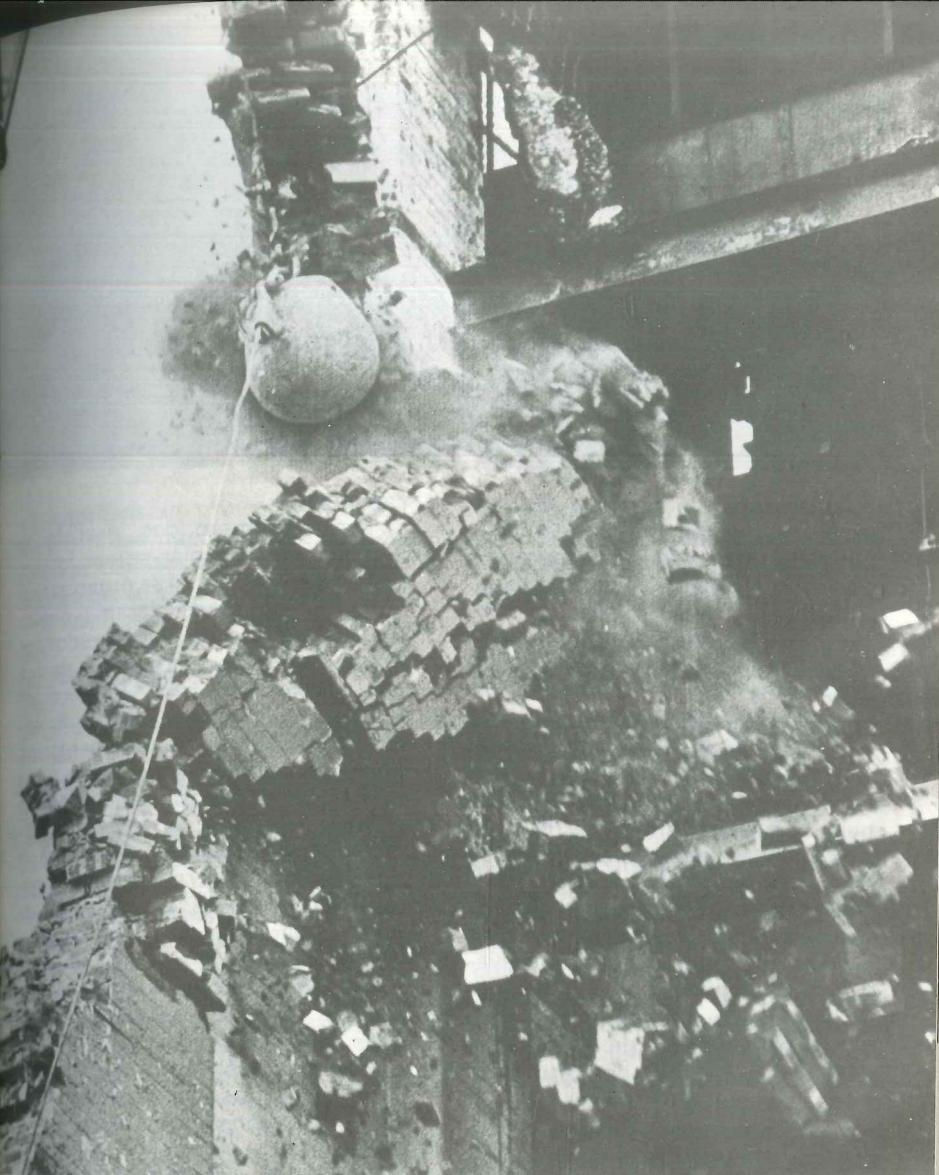
O socialismo, na maioria dos países do leste europeu, não foi fruto de um processo revolucionário que visava a transformação das estruturas sociais. Ele veio como consequência da Segunda Guerra Mundial; foi introduzido de fora para dentro pelas tropas soviéticas e foi montado pelos partidos marxistas-leninistas locais de cima para baixo, sem a participação do povo.

Desde o início foi um modelo au-

toritário, nos moldes daquele que Lenin excogitou para a URSS. O partido único ocupa todos os espaços da sociedade, organiza sozinho o Estado e está por cima dele. O secretário do partido tem a última palavra em todas as questões de ordem econômica, política, cultural e até científica. Não só tem a última palavra, mas também tem o poder de impor sua visão a todos. É um verdadeiro patriarcalismo. Não é sem razão que alguns analistas chamam a este tipo de socialismo de socialismo patriarcal. Ele encontrou sua expressão máxima em Stalin. Aí apareceu um autoritarismo ilimitado, penetrou na burocracia; uma vez entrando aí sua perpetuidade está praticamente garantida. Na verdade, se trata politicamente de uma ditadura, do partido, que pretende representar os interesses do proletariado e a partir deles hierarquizar todos os demais interesses. O socialismo real introduziu de cima para baixo a socialização de todos os meios de produção (terras, fábricas, serviços públicos, escolas, hospitais etc.). Com referência à infra-estrutura, fez efetivamente (como tenho dito e escrito em outros lugares sobre o socialismo) a revolução da fome; gestou uma sociedade mais igualitária, baniu a miséria, organizou de forma satisfatória a segurança social para todos (ensino, saúde, trabalho). Mas não fez a revolução da liberdade. Tudo foi feito de cima para baixo, sem a participação do povo, das organizações que chamaríamos civis, na forma de assistencialismo; este é benéfico mas não participativo, quer dizer, não é democrático. A centralização administrativa (os socialistas falam

em centralismo democrático; internamente no partido e na fase de debates há democracia, mas depois de tornada a decisão não se admitem mais discussões, mesmo quando há erros manifestos; aqui está o lado centralista e autoritário) ao longo dos anos gerou privilégios para os funcionários do partido; não admitia nenhuma crítica; assim erros não po-

diam ser apontados e corrigidos; para abafar o conhecimento dos erros, entrou a corrupção; esta custa sempre muito dinheiro, pois deve calar a boca a muitas pessoas ou oferecer-lhes vantagens pessoais ou partidárias. Assim, por exemplo, o líder da oposição do partido União Democrática Cristã (é o equivalente do mesmo partido da Alemanha Ocidental)

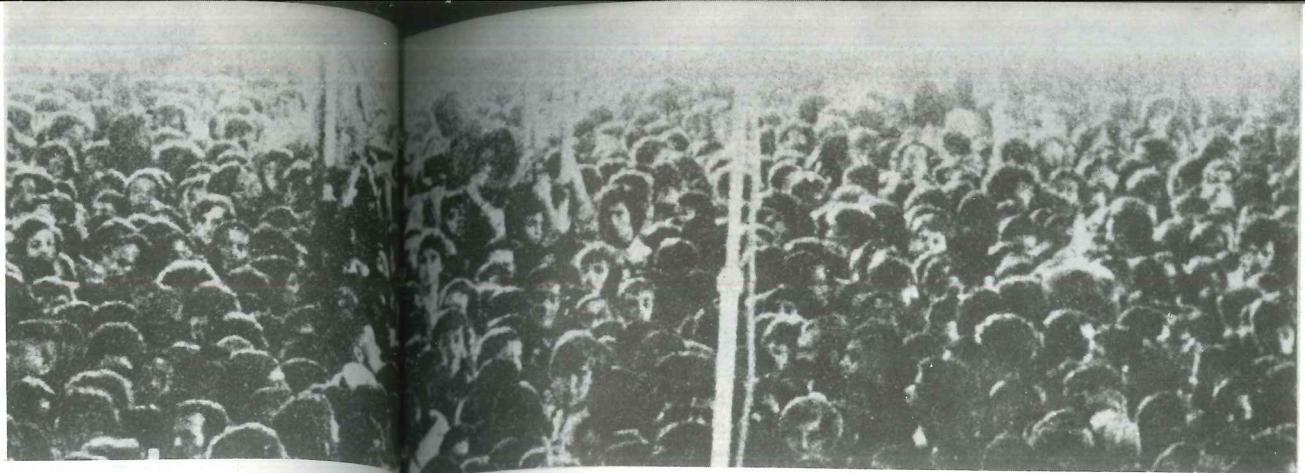


dental) durante muitos anos ganhou por mês cerca de 50.000 marcos para fazer uma oposição suave sem se referir aos graves erros que estavam ocorrendo na condução econômica e política; hoje está preso.

A glasnost e a perestroika de Gorbatchev animaram a todos os opositores e aos grupos críticos da sociedade. Começaram as pressões por todos os lados. Desmascarou-se a corrupção, desfez-se o mito do homem e da mulher novos socialistas, a direção perdeu a credibilidade e por fim ruiu fragorosamente.

Tivemos a oportunidade de, por duas vezes, conversar longamente com o Secretário de Estado encarregado das questões com as igrejas, Dr. Kalb. Ele, numa espécie de confissão, nos relatou o processo de decomposição da ordem socialista. Começamos, dizia ele, reconstruindo a Alemanha Oriental que era a parte mais pobre da Alemanha de antes da guerra. Queríamos competir com a outra Alemanha e ganhar dela, ter mais bem-estar, melhores escolas, mais hospitais, mais igualdade social. Até no esporte queríamos estar na frente dela, por isso investímos quatro milhões de marcos por cada medalha de ouro que conquistávamos nas Olimpíadas.

Mas aos poucos fomos perdendo a corrida, por causa de nossos próprios erros. Criamos então uma fachada, de que tudo estava bem. O povo foi percebendo e manifestando sua insatisfação. Aqueles que ousavam denunciar o engodo eram reprimidos violentamente. Julgávamo-nos os únicos detentores da verdade; quem se opunha era difamado publicamente como anti-socialista; reduzimos mais e mais o espaço do diálogo e da reflexão crítica; tivemos que introduzir a corrupção para fechar a boca das pessoas; erramos, mas jamais reconhecemos os erros; começamos a meter medo no povo e em todos os que pensavam criti-



camente.

Mas o número dos insatisfeitos cresceu e foi refugiar-se nas igrejas luterana e católica. Aí se organizaram e de lá saíram à rua; criaram o direito da rua com suas mesas-redondas pelas quais dirigem o país; e da rua não saíram até hoje. Começaram querendo democracia dentro do socialismo; depois mais liberdades quiseram pular o muro; depois a sua demolição; avançaram querendo a queda de pessoas do governo, a extinção dos órgãos de segurança (a polícia secreta), a renúncia da hegemonia do partido, a cabeça do secretário-geral e por fim quiseram a queda da ordem socialista. E tudo conseguiram. Agora apenas mantemos os serviços essenciais. Não temos mais nenhuma credibilidade; por isso ninguém mais nos obedece. Todos estão fascinados pelo bezerro de ouro do consumo da economia de mercado da Alemanha Ocidental. Vão para lá em multidões (de 2,5 a 3 mil por dia), maldizendo a pátria que deixaram, mas também sem ver a ilusão que pode significar o fetichismo das mercadorias e sem qualquer solidariedade para com os mais pobres do mundo. E a tristeza maior arrematava o Secretário de Estado, é que tudo isso aconteceu por nossos erros, hoje confessados e assumidos, fato que não nos salva nem salva nosso povo. Nessa arrogância e nos

so autoritarismo provocaram nossa crise e nossa queda. Estas eram as palavras daquela autoridade, reproduzidas quase literalmente.

A crise geral está estampada no rosto de todas as pessoas daquelas que ficam e daquelas que querem partir para o outro lado. Parece que perderam uma guerra. Ao convertermos com funcionários públicos sentíamos sua preocupação: que será de nós? Teremos ainda emprego? Como vamos ser aceitos numa Alemanha reunificada sob a ordem capitalista? Está havendo desmantelamento de instituições acadêmicas, de revistas, de cadeiras, enfim tudo aquilo que estava ligado ao marxismo-leninismo ou tinha a ver diretamente com o socialismo passa por uma profunda rejeição coletiva. Os mais idosos que acreditaram nos ideais socialistas e que sabem o que se esconde por detrás do bem-estar capitalista estão perplexos e desorientados. De que esperança viver se o socialismo se desmantelou? Como diziam muitos: o pior é que do socialismo passamos ao pré-capitalismo com todas as limitações que tem esta fase social. A crise é de tal monta que a palavra socialismo praticamente virou tabu; ninguém a quer pronunciar. Não se faz a distinção entre socialismo como ideal social e este tipo de concretização do ideal que é o socialismo real de expressão marxis-

ta-leninista. Tudo vem sob a rejeição do socialismo, como experiência de imposição por quarenta anos decepcionante e amarga.

## 2. Que restou do socialismo autoritário?

Muitas vezes nos grupos lançamos esta pergunta: digam-nos pelo menos um valor que restou do socialismo real, pois quarenta anos de vida não deverão ter sido somente erro e dominação. Esta questão a discutímos com certo detalhe numa reunião de cerca de 40 párocos católicos. Alguns aceitaram a idéia seguinte: o saldo maior, para nós cristãos, reside no fato de mostrarmos para nós mesmos uma situação autoritária e inimiga da religião. Não evangelizamos muito mas sobrevivemos.

Outros concordaram com a seguinte opinião: construímos, de todas as formas, uma sociedade mais igualitária; alimentamos a utopia por uma convivência solidária; era sob pressão de cima, mas tentamos viver este sonho; tínhamos pelo menos o sentimento de vivê-lo; isso não justifica de forma nenhuma a ditadura que conhecemos, mas tínhamos, isto sim, uma utopia poderosa que animava nossas vidas. Agora tudo acabou; despedimo-nos da utopia; estamos tristes e muito mais pobres.

Alguns jovens nos diziam: nós não acreditamos mais em nenhum sistema global, socialista, capitalista ou que nome quiserem lhe dar. Todos fracassaram. O que queremos é o indivíduo rico, feliz, livre. Temos sofrido demais sob o socialismo. Queremos conhecer agora a economia de mercado. Desejamos consumir, coisa que não pudemos fazer em quarenta anos de socialismo. Temos uma vida só e queremos desfrutar dos bens, fazer viagens, conhecer o mundo e ser felizes.

Como convidados, tomávamos a liberdade de fazermos verdadeiras perenes, como se vê em S. Paulo. Procurávamos chamar a atenção dos jovens para o quanto de ilusório se esconde sob o mercado total do capitalismo. Ele tem um preço histórico enorme, pago geralmente pelo Terceiro Mundo, atrelado às grandes empresas capitalistas que enviam bilhões de dólares por ano aos países centrais; em geral parte da conta do bem-estar dos países do norte é paga pelos países do sul, pobres e empobrecidos. Ademais, junto com a superabundância capitalista há uma deplorável qualidade de vida que se expressa pela solidão que é hoje um problema social, pelo consumo de drogas, pelo alto índice de alcoolismo e de tentativas de suicídio, violência sem objeto, desemprego e ansiedade provocada pela concorrência e pela afã de acompanhar os novos objetos de consumo. Constatávamos, apesar disso, uma verdadeira obsessão pela sociedade de consumo ocidental. Até as canetas e os lápis, diziam, escrevem melhor porque vêm da Alemanha Ocidental; tudo o que vem de lá é melhor e nós queremos participar deste bem-estar social. Mas dizíamos: cuidado para não passarem do estado total para o mercado total! Assim não se supera o totalitarismo! E a participação e a democracia, onde ficam?

Frei Betto ousava até fazer-lhes profecias e observava: quando se der a reunificação e dentro de uns pou-

cos anos, será que vocês não sentirão saudades dos tempos do pleno emprego, do consumo mais severo mas mais generalizado, da tranquilidade maior devida às relações menos comerciais que conheciam sob o socialismo, de moralidade pública mais respeitosa da afetividade humana?

De todas as maneiras, o fato está aí, por ninguém previsto e imaginado, há alguns anos, da profunda transformação da União Soviética sob Gorbaciov e do desmoronamento do socialismo burocrático, centralizado, estalinista, patriarcal e autoritário nos países do leste europeu. De tudo isso se deriva logo uma conclusão: Não basta saciar as necessidades básicas do ser humano, ligadas à infra-estrutura de reprodução biológica da vida, importa atender também às necessidades básicas, ligadas ao campo do espírito e da liberdade. Sem isso não há um futuro histórico para os regimes de governo nem capacidade ilimitada de supertabilidade por parte da sociedade. Ou esta se abre à integralidade das potencialidades humanas e então se torna democrática para propiciar a realização de tais potencialidades ou se organiza de forma autoritária, a partir de elites, de um partido-vanguarda ou de militares que garantem a segurança de uma determinada ordem.

A derrocada deste tipo de socialismo é benéfica para todos apesar dos dramas pessoais que ela pode trazer para a biografia de muitos atores sociais. Essa crise cumpre a função de toda crise que é de acrisolar e purificar o núcleo verdadeiro da utopia socialista das gangas que foram surgindo ao longo da história e abrir espaço para a liberdade; sem liberdade não há sociedade que se possa construir de forma duradoura.

No próximo número publicaremos a 2ª parte desta análise lúcida de Frei Leonardo Boff, na qual abordará a perspectiva da Teologia da Libertação sobre a questão.



Aspirações fundamentais do homem

## - de que homem se trata?

As duas aspirações fundamentais do homem moderno – direito à igualdade e direito à participação – se chocam, hoje, com movimentos históricos concretos frutos de determinadas ideologias políticas. Esses movimentos históricos advêm da ideologia marxista ou da ideologia liberal capitalista. Partem ambos de pressu-

postos falsos, embora sejam, em seus estilos de realização, distintos das doutrinas que lhes deram origem.

Por falta de uma verdadeira consciência crítica – uma das características do homem adulto – assumem muitos cristãos posições radicais, aderindo quer a um, quer a outro ▶

movimento histórico, adotando-o, não no seu aspecto filosófico ou doutrinário, mas na sua linha de aplicação prática, considerando-a sob um ângulo idealista.

Enquanto os que idealizam o liberal capitalismo o consideram como uma proclamação em favor da liberdade e do conforto, os que se sentem atraídos pelas correntes socialistas identificam aí, aspirações que lhes parecem humanas e fundamentais como a igualdade e a justiça.

É no entanto, igualmente perigoso idealizar os sistemas capitalistas ou os sistemas socialistas, pois tanto em seus princípios gerais quanto em seus modelos de realização prática, ambos se servem do homem para alcançar seus objetivos puramente ideológicos até o ponto de desumanizá-lo.

É verdade que ambos os movimentos aceitam, oficialmente, a Proclamação dos Direitos do Homem, bem como o estabelecimento de alguns acordos internacionais como garantia do reconhecimento prático desses direitos.

Mas é verdade também que, tanto nos países capitalistas quanto nos socialistas, continuam a existir limitações muito sérias à vivência desses mesmos direitos como, por exemplo, a permanência de discriminações variadas, a defasagem entre a legislação vigente e situações concretas de opressão ou ainda a ineficácia dessas mesmas legislações quando se trata de estabelecer relações de justiça e igualdade entre os homens e entre os povos.

Percebendo alguns poucos a relatividade e as limitações de ambos os movimentos quando se trata de equacionar e procurar solucionar problemas das relações entre os homens e entre os povos, procuraram promover, tecnicamente, um tipo de sociedade democrática. Apesar de diversos modelos já haverem sido propostos e experimentados, nenhum deles foi capaz de proporcionar

completa satisfação e, por isso, busca permanece aberta entre as tendências ideológicas e pragmáticas.

São quase sempre muito perigosos os modelos sociais elaborados por técnicos e impostos ao homem como tipos de comportamento comprovados e aprovados. Acontece que "o homem pode tornar-se assim objeto de manipulações que orientem seus desejos e suas necessidades e modifiquem seus comportamentos e até mesmo seu esquema de valores".

"O cristão tem o dever de participar, também ele, na busca diligente na organização e na vida da sociedade política". É preciso que ele esteja presente nesse processo evolutivo, ajudando os homens todos a perceberem como são relativos e falhos os melhores modelos sociais.

É preciso que ele lute por uma ação política que tenha "como base de sustentação, um esquema da sociedade coerente, nos meios concretos que escolhe, e na sua inspiração, a qual deve alimentar-se numa concepção plena da vocação do homem e das suas diferentes expressões sociais".

É preciso, entretanto, que ele saiba que deve comprometer-se, ao mesmo tempo, como cidadão e como cristão e que as exigências de sua fé se situam em plano diverso das exigências próprias das ideologias. Essas mesmas exigências evangélicas o situam, de modo diferente, dentro do processo político em que vive. Ele deverá, nele, ser testemunha e proclamador da existência de Deus Criador interpelando constantemente o homem como responsável. Deverá ser capaz de situar-se dentro das várias ideologias sem se deixar impressionar por certos caminhos de libertação do homem por elas propostos e que são apenas meios de escravizá-lo, talvez de modo diferente.

Para isso será necessário que el-

busque constantemente, nas fontes de sua fé e nos ensinamentos da Igreja, princípios e critérios oportunos para, superando todos os sistemas e todas as ideologias, "comprometer-se concretamente, ao serviço de seus irmãos afirmando, no próprio âmago de suas opções, aquilo que é específico da contribuição cristã para uma transformação positiva da sociedade".

*Essa perspectiva carrega consigo exigências que se transformam em problemas sérios e vivenciais:*

1) – Se o homem é constantemente interpelado por Deus, como liberdade responsável, cabe a ele ser sujeito de seu próprio destino, bem como do destino de sua comunidade. Será possível ao homem realizar esta missão que é sua, sem a existência de comunidades intermediárias? Será possível ao cristão assumir esta missão "construindo uma série de comunidades particulares, embasamento da sociedade política"? Como se formariam esses grupos? No estilo das "comunidades de base", em "comunidades familiares" ou em outros estilos diferentes?

2) – "Cabe aos grupos culturais e religiosos (e portanto ao MFC) – salvaguardar a liberdade de adesão que eles supõem – o direito de, pelas suas vias próprias e de maneira desinteressada, desenvolverem no corpo social essas convicções supremas, acerca da natureza, da origem e do fim do homem e da sociedade". Como se tem o MFC, até hoje, desincumbido dessa missão? Como deverá fazê-lo, daqui para a frente, no atual contexto brasileiro?

3) – Constatações que se transformam em sérios desafios:

– Como poderiam o socialismo burocrático, o capitalismo tecnocrático ou

a democracia autoritária resolver o grande problema humano de se viver junto com os outros, na justiça e na igualdade? Como poderiam eles, na verdade, evitar o materialismo, o egoísmo ou a violência que fatalmente os acompanham?

– "Sem uma renovada educação no que se refere à solidariedade, uma excessiva afirmação da igualdade pode dar azo a um individualismo em que cada qual reivindica os seus direitos sem querer ser responsável pelo bem comum". Daí a importância e a necessidade da educação para a vida na sociedade, de uma educação que situe, verdadeira e evangelicamente, o problema dos direitos e dos deveres.

Estará nossa família apta a assumir a responsabilidade dessa educação, colocando-a, não numa linha de conceitos e princípios, mas numa linha vivencial, dentro do contexto concreto em que vivemos? Como?

4) – O desenvolvimento é visto, hoje, como um caminhar para o progresso. Surgem daí algumas perguntas que merecem ser analisadas:

– será sempre o progresso a condição e a medida da liberdade humana?

– será sempre o progresso um esforço de libertação do homem diante das necessidades da natureza e diante das pressões sociais?

– a quantidade e a variedade dos bens produzidos e consumidos serão capazes de melhorar a qualidade e a verdade das relações humanas, o grau de participação e de responsabilidade de cada homem?

– "o verdadeiro progresso não estará, acaso, num desenvolvimento da consciência moral que leva o homem a assumir o encargo das solidariedades ampliadas e a abrir-se livremente para os outros e para Deus"?

5) – É verdade que todos querem, hoje, construir uma sociedade nova para servir ao homem. Coloca-se aqui uma pergunta crucial.

De que homem se trata?



## Cassinos, a salvação do Brasil?

Está todo mundo distraído e quase ninguém percebe o que está sendo tramado nos bastidores: poderosos grupos estrangeiros, associados aos mais conceituados contraventores do jogo do bicho e seus inseparáveis traficantes de tóxicos, preparam obstinadamente condições para a reabertura dos cassinos no Brasil.

Querem salvar o país. Os cassinos vão gerar uma fantástica quantidade de empregos e trarão milhões de turistas ao Brasil.

Quem for pego de surpresa, é capaz de acreditar que foi encontrada a solução para a recessão e o desemprego, e finalmente, passaremos ao Primeiro Mundo!

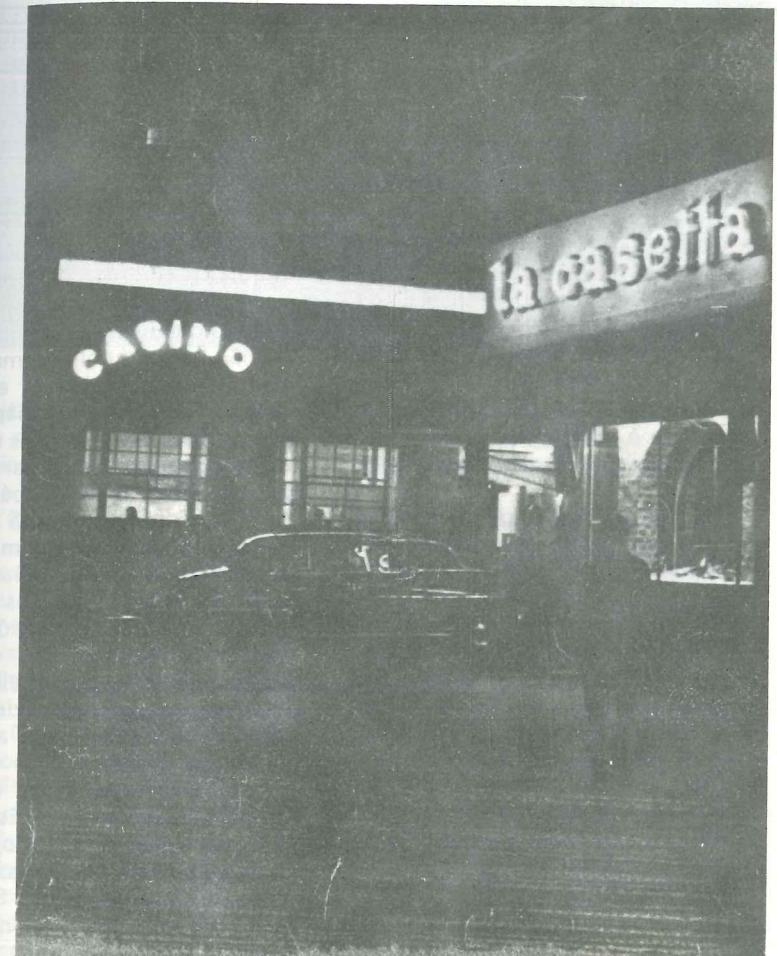
O governo não tem argumentos consistentes para se opor. Afinal, é ele o maior banqueiro da jogatina, no país, com suas loterias, senas, quinas, lotos e demais arapucas para arrecadar o suado dinheiro dos mais pobres.

pais de família, jovens inseguros com o futuro, mulheres e homens tentados pelo aceno de uma falsa liberdade pela riqueza fácil, arrastados pela ilusória possibilidade de resolver problemas financeiros ou fascinados pela atmosfera de fantasia que os exploradores do jogo sabem construir em torno dos cassinos, com suas decorações e espetáculos deslumbrantes.

O trabalho humano é desvalorizado. O trabalhador é desestimulado diante das notícias de enriquecimento instantâneo dos acertadores

das loterias e dos homens e mulheres "de sorte" que ganharam fortunas nos cassinos. É tentado a invejá-los. Esquece que o dinheiro é tirado de salários de muitos e desconhece a sorte dos que fracassam nos cassinos, que por coincidência são a imensa maioria, é claro. Não sabem da ruína das famílias causadas pelo vício de jogo de um de seus membros. Há tragédias e morte em muitos casos. Mas tudo isso é deixado na sombra. O importante é que o jogo está gerando empregos e riqueza para o país.

Haja paciência!



# Respigando Comblin

José e Beatriz Reis

● O reino de Deus envolve o mundo inteiro, não apenas a comunidade dos fiéis "Deus criou (o mundo) pelo Espírito e o Espírito foi criador. Assim como esteve na origem da antiga criação (Gn 1,2: "O Espírito de Deus pairava sobre as águas") da mesma maneira está no princípio da nova criação ou da renovação da nova criação" (Salmo 104,30). "O Espírito do Senhor enche o universo, dá consistência a todas as coisas" (Sb 1,7) (pág. 67).

● "No centro da criação está a humanidade. A renovação da criação pelo Espírito inclui uma regeneração do ser humano. Começa uma nova humanidade, feita à imagem do Cristo e incorporada nele".

"O evangelho paulino proclama o advento de uma humanidade nova incorporada em Cristo e reconciliada nele graças à ação do Espírito Santo. Este é o criador desta humanidade nova" (Ef 2,15-18; 4,23).

O Vaticano II em GS 37,4 diz que "o homem é remido por Cristo e tornado criatura nova no Espírito Santo".

"Na nova criação de uma nova humanidade todas as nações são chamadas. Pentecostes representa esta vocação de todas as nações. Estas não perdem sua identidade. Todas falam sua língua. A nova humanidade não perde sua diversidade por estar unificada em Cristo. O Espírito não obriga as nações a revestir-se de uma roupagem igual" (pág. 68 e 69).

Os números entre parênteses, sem outras indicações, indicam as páginas do livro "O Espírito Santo e a Libertação", de J. Comblin, 2<sup>a</sup> edição - Editora Vozes, 1988, do qual foram extraídos os textos que compõem este estudo.

● "As nações constituem a realidade política social, econômica cultural daquele tempo. A vocação das nações inclui a vocação da totalidade das realidades sociais da humanidade. A mensagem da salvação não se dirige a indivíduos isolados mas à totalidade das comunidades humanas. Os indivíduos são atingidos no seu relacionamento com a coletividade. O Espírito é enviado para as realidades sociais deste mundo".

"GS 11,1: 'O Espírito do Senhor enche o universo'... está presente em todas as sociedades humanas como um fermento que orienta para o acolhimento da libertação" (cf PO 22,3).

O Vaticano II "abre os horizontes e enxerga a ação do Espírito no mundo, inclusive nas atividades temporais" (GS 38,1)... "O Concílio reconhece a presença do Espírito Santo tanto nos movimentos de transformação social e política, mas também nas transformações econômicas promovidas pelas ciências, pela técnica e pelo trabalho. Pois o homem é impulsionado sem cessar pelo Espírito de Jesus (GS 41,1) (pág. 70).

● A mensagem cristã não é apenas o anúncio do Cristo mas também o anúncio do Espírito Santo. O Espírito está agindo nos povos pagãos e em todas as religiões desde o início da humanidade. O Espírito conduz os povos e as religiões num movimento que não podemos saber previamente. Podemos apenas observar os sinais de ação do Espírito Santo e acompanhá-la. Não podemos antecipá-la. Se o Espírito conduz as nações para Cristo, não sabemos quais são as etapas, os caminhos, os passos atuais. Sobre tudo isto não sabemos mais que os próprios pagãos. Sabemos menos

que eles, já que os sinais do Espírito Santo são dados a eles e não a nós, em primeiro lugar. Devemos aprender deles a marcha do Espírito e sua evolução" (pág. 201).

● "Na recepção da libertação de Cristo é que os povos atingem o auge de seu dinamismo. O Espírito Santo prepara desde o início a fé ativa, a conversão transformadora que vão constituir a participação ativa, necessária à sua libertação efetiva por Cristo. O Espírito segue os caminhos longos, demorados, complicados múltiplos da história" (pág. 221).

● "Os atuais movimentos de libertação da América Latina são suscitados pelo Espírito Santo. A criação não é passiva, inerte, estável. Está em movimento. A humanidade está anelando por uma libertação. Cami-

nha para um homem novo. O Espírito Santo já está presente, é ativo em toda esta movimentação" (pág. 71).

● "Falando do desenvolvimento da ordem social e econômica o Vaticano II diz que 'o Espírito de Deus dirige o curso da história com providência admirável e renova a face da terra e está presente a esta evolução' (GS 26,4)." ▶

"O mesmo Espírito que conduz a história ajuda a interpretá-la": "Com o auxílio do Espírito Santo, auscultar, discernir, interpretar as várias linguagens do nosso tempo" (GS 44,2) (pág. 73).

● "O Espírito Santo não suprime a história e todas as suas necessidades... esta idade ainda conhece todas as provocações da história (Rm ▶



8,22-23). Pois "temos apenas as primícias do Espírito"; "nestas primícias a história continua. Sociólogos e historiadores podem averiguar que as mesmas forças de sempre continuam agindo. Inclusive não conseguem discernir com certeza a presença do Espírito" (pág. 79).

"A sua ação não é perceptível a um simples observador objetivamente colocado fora do seu movimento. O seu modo de agir não aparece aos olhos do historiador" (pág. 84).

• "Somente a partir da experiência de quem participa do Espírito é que um certo discernimento é possível e uma certa percepção das energias do Espírito" (pág. 79).

• "Desde o início o Espírito apresentou-se como capacidade de ação. É força para produzir ações". "Este agir do Espírito é diferente do agir humano comum neste mundo. Realiza-se sem os meios com os quais as civilizações realizam as suas grandes obras: sem o poder político capaz de mobilizar massas humanas como o faraó e os faraós modernos, sem a força econômica que permite realizar obras grandiosas; sem a força ideológica que dinamiza as pessoas suscitando-lhes o interesse ou a paixão coletiva. Trata-se de obras de pobres, feitas, com os meios dos pobres" (págs. 94, 95, 96).

• "Tudo o que o Espírito produz neste mundo converge para o mesmo fim que é a vida. Cada vez mais vida e uma vida eterna... Tudo aquilo que significa mais vida e constitui o conteúdo concreto da vida".

"A vida verdadeira é o acesso ao conhecimento da realidade de Deus, é conhecimento dos planos e desígnios de Deus. O Espírito leva o conhecimento a tais alturas". "A nós, Deus o revelou pelo Espírito. Pois o Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as profundidades de Deus... O que está em Deus ninguém o conhece, senão o Espírito de Deus. Quanto a

nós, não recebemos o Espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus" (1Cor 2, 10-12) (págs. 99 e 100).

• "O Espírito foi dado na história, está agindo na história, até o fim da história. Não haverá reino do Espírito fora da história ou além da história neste mundo". "... o Espírito estará sempre em tensão e conflito dentro da história. Continuará e recomeçará a cada geração e cada dia o conflito entre o homem e a natureza, entre a liberdade e a necessidade, entre os próprios homens reunidos em grupos antagônicos. O próprio Espírito fará a renovar constantemente a luta. Não há nesta terra uma estabilidade além da luta" (pág. 81).

Pois "o Espírito Santo habita na multiplicidade. Assume a diversidade, cria um movimento de comunhão e convergência a partir da imensa diversidade humana" (pág. 179).

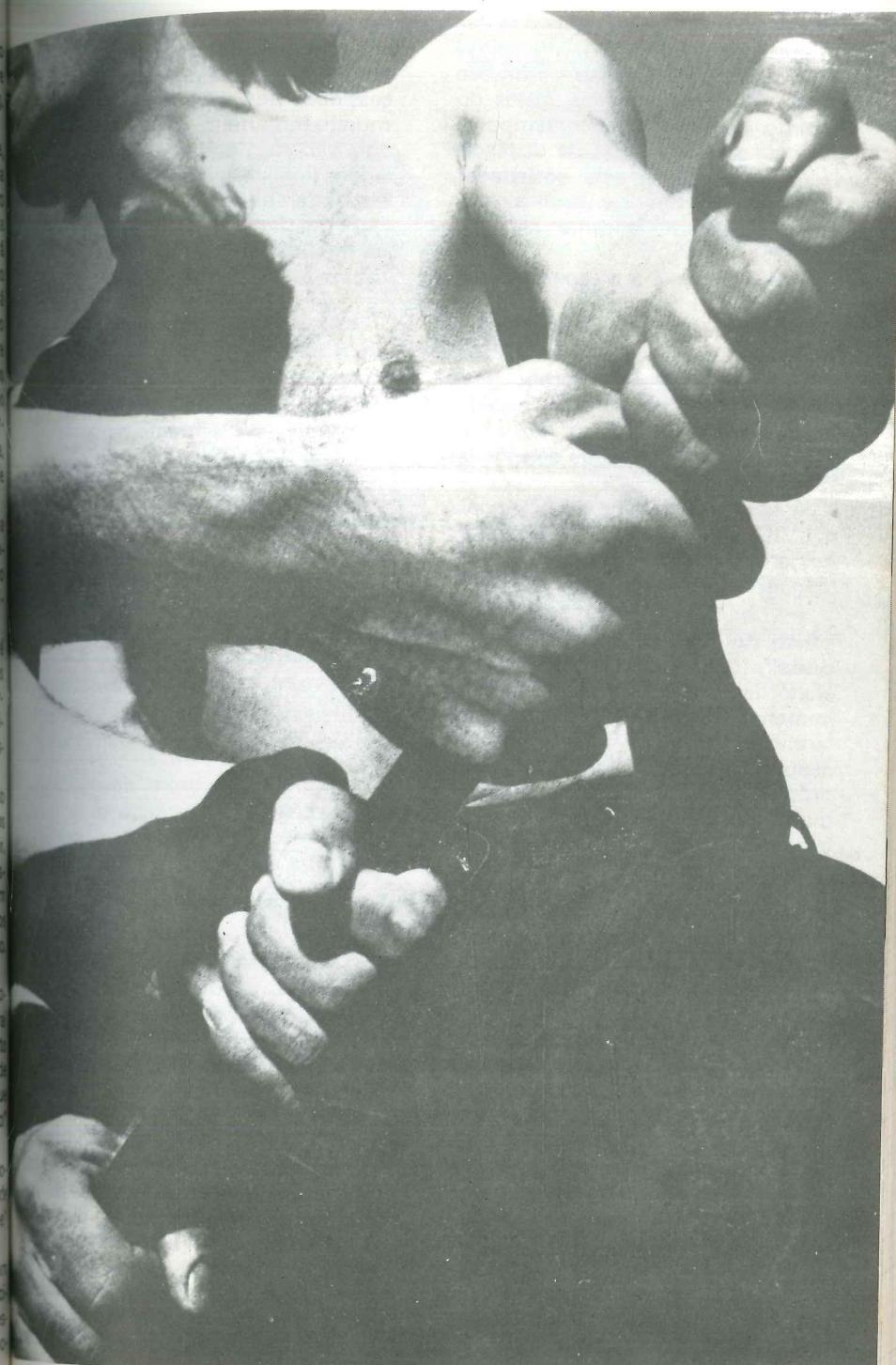
• Por isso, "a história cristã não é uma linha contínua. Parece antes uma espiral. Pois precisa simplificarse de novo, voltar às origens, purificar-se daquilo que a história acrescentou de sobrecarga" (pág. 84).

No entanto, "o que o Espírito produz é, ao mesmo tempo, o que os homens são chamados a produzir. Não há separação entre o que o Espírito faz e o que os homens fazem, muito embora nem tudo o que os homens fazem proceda do Espírito. Muito pelo contrário" (pág. 85).

• "O Espírito não só não é prisioneiro do passado, mas sempre vai além do passado. A vida do Espírito não se desenvolve na tranquilidade do já acontecido. É vida de risco que aceita os desafios do desconhecido" (pág. 162).

Vemos em GS 4,4 que "os homens nunca tiveram um sentido de liberdade tão agudo como hoje" (pág. 85).

"O mundo da libertação é um mundo espiritualmente desconhecido porque responde a situações específicas. Trata-se de criar um mo-



de novo partido da ruína dos anteriores" (pág. 162).

O sentido da liberdade a que se refere GS "será um dos frutos do Espírito na sociedade contemporânea, ou será um sinal da distância entre o mundo e esta sociedade? Cristãos e não cristãos usam a palavra liberdade no mesmo sentido? (pág. 85).

• "A liberdade é a capacidade de agir no plano do homem novo, de agir de modo plenamente humano, vencendo as resistências que afligem a humanidade desde o pecado. Trata-se de uma liberdade do pecado, da morte e do medo da morte, do demônio, da carne e dos desejos da carne..."

A liberdade fundamental é aquela que liberta das ataduras que o ser humano encontra em si próprio" (pág. 87).

• 2Cor 3,17: "Onde está o Espírito do Senhor ali está a liberdade", que é "dom do Espírito, efeito da presença do Espírito no ser humano. Como dom do Espírito é também obra dos homens. Pois o próprio do Espírito é não fazer por si próprio mas mandar fazer ou fazer que a própria criatura faça. Por isso, o dom da liberdade é também uma vocação. O dom do Espírito é a vocação de poder e ter que conquistar a liberdade".

"Vós fostes chamados à liberdade" (Gl 5,13). "E ainda: "É para a liberdade que Cristo vos libertou. Permanecei firmes portanto, e não vos deixeis prender de novo ao jugo da escravidão" (Gl 5,1).

Tal liberdade coloca os cristãos acima de todo sistema de obrigações e constrangimento, acima de todo sistema de medo e de castigos".

Essa liberdade "existe em forma de vocação. Esta é ainda uma realização incompleta. Enquanto permanecer incompleta estará coexistindo com o reino da necessidade e com sistemas sociais de constrangimento e de do-

minação. A novidade dos cristãos estará nisto em que, sendo livres, aceitam os restos de sistemas de necessidade por solidariedade com um mundo imperfeito. Mas eles próprios não são movidos por este sistema. Agem por liberdade e não por constrangimento. O mundo, portanto, caminha para um reino de liberdade, na medida em que os homens espirituais o orientam nesse sentido" (pág. 88).

"Se se levasssem esses princípios até às formas mais radicais, não subsistiria nenhum sistema de leis e obrigações, nenhum sistema de repressão e naturalmente nenhum sistema de dominação nem de necessidade. Seria a realização dos sonhos das evoluções modernas" (pág. 88).

• "A liberdade paulina não se opõe à comunidade de modo algum. Ao contrário, a liberdade exprime-se na adesão à comunidade. Ser livre não é agir sozinho nem para si próprio, nem em função de si próprio. Ser livre é colaborar fraternalmente numa comunhão. Pois o homem novo é comunitário, forma uma unidade em Cristo".

"Que a liberdade não sirva de pretexto para a carne mas, pela caridade, colocai-vos a serviço uns dos outros" (Gl 5, 13).

Por isso, "diante dos movimentos das liberdades modernas, um discernimento é necessário... com certezas nos movimentos das liberdades modernas há elementos negativos que não se compaginam com a mensagem do Espírito" (pág. 90).

• "A Igreja assistiu ao movimento científico, ou melhor, não assistiu com bastante indiferença, como se nada disso tivesse relação com o seu evangelho. Assistiu às mensagens políticas dos povos em busca de sua liberdade como se esses discursos nada tivessem em comum com o Espírito" (pág. 94).

• "Se o Espírito conduz a história como diz o Vaticano II, não terá este do presente na modernidade e na

luta de libertação? É difícil dissociar o positivo do negativo. Teoricamente tudo é fácil. Mas a história não obedece aos esquemas teóricos" (pág. 91).

Está, no entanto, em GS 36: "Aquele que tenta perscrutar com humildade e perseverança os segredos das coisas, ainda que disto não tome consciência, é como que conduzido

pela mão de Deus" (pág. 94).

• "Não podemos dizer que com a fundação da Igreja o Espírito deu tudo o que tinha para dar. Ainda pode produzir, na história, os primeiros passos da libertação dos pobres. Não produzirá, dentro da história, o reino de Messias. Não haverá uma ruptura total entre toda a história anterior da humanidade e uma época nova que ▶

seria o puro reino do Espírito. Mas a humanidade pode caminhar além das estruturas adquiridas hoje em dia. As lutas dos homens pela sua libertação no passado e no presente não estão alheias ao Espírito Santo" (pág. 102).

• "Nem todas as épocas do cristianismo são iguais. Muito pelo contrário. Cada tempo é marcado por uma configuração especial. O Espírito Santo submete-se à história que muda sem constrangimento. A história não é nenhum progresso contínuo".

"... na história o Espírito é criador de liberdade. Desperta a palavra dos pobres. Com ele os pobres começam a agir neste mundo. Os mesmos pobres são os portadores das esperanças das novas comunidades. Numa sociedade que destruiu as comunidades tradicionais o Espírito promove as formas de comunidade voluntárias e não opressoras" (pág. 102).

"Tratando-se da fundação de um mundo novo dentro de um mundo velho, entende-se que não seja cômodo traduzir esta novidade por meio de conceitos derivados do mundo velho".

• Na Bíblia, o Espírito Santo é chamado "dom". "O dom quer dizer uma entrega de capacidade. Quem recebe o Espírito não o recebe como uma propriedade, mas como uma nova capacidade de agir. Por isso mesmo o dom não é exclusivo como a propriedade..."

"O Espírito penetra no santuário interior do ser humano e faz brotar dele sua ação, não se distingue a ação humana da ação do Espírito. Pois o Espírito está escondido na multidão dos seres humanos nos quais reside. O que procede do Espírito aparece como ato humano".

• "...o Espírito é criador, faz nascer coisas novas das coisas antigas; faz nascer de novo. O Espírito é a origem da novidade daquilo que começa a existir. O agir humano pelo qual se cria a Igreja é lento, prolon-

gado, repetitivo, vai tateando, tem momentos rápidos e momentos relaxados... o Espírito cria a Igreja em milhares e milhares de pontos distintos da terra, em milhares e milhares de lugares em que se reúnem as comunidades. A criação da Igreja pelo Espírito renova-se desde há 2.000 anos. A Igreja nasce constantemente nas múltiplas comunidades. Dizer que a Igreja nasce do Espírito é dizer que nasce do povo... nasce simultaneamente do Cristo e do povo, pelo Espírito Santo" (pág. 116).

• "O Espírito foi enviado para suscitar o reino de Deus no mundo. A Igreja está a serviço desta tarefa. O Espírito manifesta-se na ruptura com os laços e as cadeias do passado que alienam: mais vida, mais palavra, mais comunidade, mais participação" (pág. 120).

"Sempre é o mesmo Espírito que produz frutos diferentes conforme a época. Estes frutos são diferentes e semelhantes ao mesmo tempo. Realizam, à sua maneira, as promessas do Espírito feitas por Jesus e experimentadas nas Igrejas apostólicas" (pág. 166).

• "O Espírito Santo está agindo nas pessoas na América Latina. Está agindo em dois níveis: o nível dos pobres que despertam para uma liberdade e começam a agir com novo ânimo e o nível dos privilegiados que abandonam os seus privilégios para participar da luta dos pobres pela sua liberdade. Nesses dois grupos há sinais da presença ativa do Espírito na formação de uma nova espiritualidade".

Puebla 141: "Nosso povo deseja uma liberação integral que não se esgota no quadro de sua existência temporal, mas que se projeta na plena união com Deus e com os irmãos na eternidade, comunhão que já se começa a realizar, embora imperfeitamente, na história" (pág. 161).

• "Cada espiritualidade é condicionada por uma situação política da igreja e dos cristãos. A espiritualida-

de oriental foi e é monástica, separada da vida política. Era solidária do sonho oriental, bizantino e russo de que o Império já era cristão e tinha entrado no mundo transfigurado. A espiritualidade ocidental é fundamentalmente individual e supõe uma separação entre religião e política, da qual a doutrina luterana dos dois reinos é a formulação extrema".

"Agora estamos, na América Latina, no desafio de viver segundo o Espírito no meio das lutas de libertação dos povos cristãos oprimidos. Uma nova espiritualidade haverá de levar em conta esta situação. Já foi dito que não depende dos homens fundar uma nova espiritualidade. "O Espírito sopra onde quer e como quer" (pág. 165-166).

• "A situação latino-americana não se resolve simplesmente por uma mudança política, econômica ou social. Supõe tudo isto e muito mais ainda. Supõe uma mudança ou uma reviravolta completa das personalidades oprimidas, uma transformação de um ser que se submete à alienação integral para um ser que se libera desta mesma alienação integral e luta em todas as áreas de sua existência. Se a libertação não for assumida por pessoas, não há transformação induzida da parte de fora que possa ter efeito. Uma libertação integral exige um processo pelo qual cada pessoa se liberta a si mesmo e desfaz todos os laços que a mantêm presa ao passado para construir os laços de uma sociedade livre" (pág. 160).

• "O desafio é o seguinte: a luta pela liberdade cairá necessariamente na modernidade e no secularismo, ou será o ponto de partida para uma nova caminhada espiritual? Com certeza dependerá do Espírito Santo mas dependerá também de nós" (pág. 160).

Em GI 5, 13 está "colocada a di-

nâmica da conquista da liberdade. Conquista-se contra a dominação da carne e sua sedução. Leva ao serviço uns dos outros... Naturalmente a passagem da carne para o Espírito é um longo itinerário. O Espírito é o guia desta caminhada... reveste interpretações diversas de acordo com as épocas do cristianismo... Trata-se de uma evolução sujeita à evolução dos tempos. Pode o Espírito suscitar outras interpretações concretas" (pág. 169).

"Ninguém pode inventar, para si mesmo, tal caminhada. Ela vem por si mesma, conduzida pelo Espírito" (pág. 170).

• "As liberdades não se afastamumas das outras. Pois a novidade humana consiste na amizade com os outros. A invenção tem por objeto o relacionamento humano. Criar algo novo não é somente uma realidade material, mas antes de mais nada, uma realidade social. A liberdade cria a comunidade nova. Desse modo, pessoa e Igreja convergem" (pág. 176).

• "O Espírito Santo cria a práxis libertadora que se situa na linha do Cristo. O Espírito Santo inventa a vida de verdadeira obediência a Jesus que é a imitação do seu agir. Pois não é possível, no século XX copiar materialmente o agir de Jesus na Galiléia do século I. Trata-se de uma nova criação histórica. Contudo, esta há de ser fiel" (pág. 196).

• Conforme Gaudium et Spes "... vivificados e congregados em seu Espírito, caminhamos para a consumação da história humana que concorde plenamente com seu designio de amor: "Reunir todas as coisas em Cristo, as que estão nos céus e as que estão na terra" (Ef 1,10) (pág. 100).

É verdade que "a nossa vida é breve e queríamos ver o fim antes de deixarmos esta terra". Mas, "o Espírito é eterno e age com a lentidão da história, para a qual uma geração é apenas um instante" (pág. 222). ■

# A espiritualidade do conflito

Torrem-se as tradicionais referências da espiritualidade cristã. Um mar de rosas. Praias desertas, lagos paradisíacos, bosques verdejantes, como se Deus fosse um rico turista em férias. Agora, os esgotos entopem as praias, os lagos estão poluídos, os bosques são consumidos por queimadas ou derrubadas pelo latifúndio. O paraíso prometido no Gênesis implodiu-se sob o abuso da liberdade humana. Essa maldita



Frei Betto

tentação de ser como Deus transparece em nossos pequenos gestos de onipotência: o julgar-se melhor do que os outros, o medo da crítica e da autocritica, a busca de excessiva segurança, o apego à função que nos reveste, como se sem ela nos sentíssemos banidos desse miserável Éden de vaidades. Arrancamos a espada das mãos do anjo e dividimos o que o Senhor não queria ver dividido: a fraternidade humana fragmentou-se em classes sociais.

Na falta de consciência social, buscou-se a reparação individual. Um Deus que alivia o coração, sem exigir justiça; uma fé privatizada, aparentemente destituída de toda dimensão política; uma Igreja com suas catedrais barrocas, repletas de ouro, erguidas pelo braço atado dos escravos. Uma espiritualidade doce e suave como a fragânciade um perfume. Toda uma estética muito a gosto da corte de Salomão ou dos monges essênios de Qmran: claustros silenciosos,退iros prolongados, peregrinações que exigem passaporte. Um Deus prê-t-à-porter.

Entretanto, os que ficaram abaixo da espada do anjo estavam privados também do alimento da alma. Como meditar em alamedas arborizadas se as ruas da periferia são esburacadas e o trabalho exige longos percursos em ônibus apertado? O choro faino de criança chegará às alturas como o canto gregoriano? Por que porta entram nos退iros espirituais as prostitutas, os bêbados, os marginais e os sofredores da rua? Ou será que a porta do Reino dos Céus fica nos fundos?

Abre-se o Evangelho, fonte e modelode toda espiritualidade cristã. Como encontrar o doce Jesus neste Filho do Homem que denuncia os fariseus como hipócritas e qualifica Herodes de raposa? Onde está o Cristo Rei neste Servo de Javé que se cerca de pecadores e jamais condena um oprimido? Como suportar o radicalismo de, primeiro, fazer-se pobre com os pobres para, em seguida, ser aceito como Seu discípulo? E por que Ele preferiu espelhar-se – não nos tolerantes, nos bondosos, nos que cumprem as leis e respeitam as autoridades – mas nos que têm fome e sede, estão nus e aprisionados?

A espiritualidade do conflito caracterizou a vida de Jesus. Do nascimento sob perseguição de Herodes à morte na cruz, a conflitividade marcou a missão do Enviado de Deus. Nele, a paz não era qual a do burguês, cercada de muros e distante daqueles que o mundo despreza como escória. Emanava de sua absoluta confiança no Pai, em quem centrava-se para descentrar-se no povo. Como não se revestia de nenhum poder aparente, a ponto de impedir Pedro de revelar como Messias, ficava exposto a toda sorte de solicitações e atritos.

No entanto, sabia que o amor se nutre de gratuidade. No silêncio da noite ou às primeiras horas da ma-



nhã, passava longas horas em oração. Deixava-se reabastecer pelo Espírito. Mergulhava fundo na comunhão trinitária.

Hoje, os conflitos são menores do que antes. A diferença é que a mídia eletrônica transformou o planeta numa pequena aldeia. A briga do vizinho atinge toda a população. E, talvez, estejamos menos preparados para suportar os ventos contrários que sopram sobre a barca de Pedrô, pois falamos de Deus, com Deus, a Deus e nem sempre deixamos Deus falar em nós. Não temos tempo para nós mesmos ou, o que é pior e mais provável, tememos estar sós. Temos dificuldades em nos suportar. Ligamos o rádio ou a tevê, falamos ao telefone, buscamos avidamente o que apalpar fora, para tentar encobrir o vazio interior. Não o escutamos, pois, como Elias, estamos atentos às tempestades e aos trovões, sem perceber a brisa suave na qual Ele se manifesta. E, como os apóstolos, vacilamos, esquecendo do que disse Gamaliel: o que é obra de Deus ninguém pode destruir. Nem a força da autoridade, nem as leis humanas, nem o ressentimento daqueles que querem situar a esperança no passado, quando ela é uma virtude do futuro.

Deus jamais abandona Seu povo.

Frei Betto é teólogo e escritor

# Fé e compromisso social

Solange Nogueira

A questão do compromisso implica em alguns aspectos que devem ser analisados.

Segundo Paulo Freire, o compromisso seria uma palavra oca, sem significação concreta, se não envolvesse a decisão lúcida e profunda de quem o assume. Ainda de acordo com esse educador, "a primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido, está em ser capaz de agir e refletir", e, assim sendo, "somente um ser é capaz de sair de seu contexto, de distanciar-se dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico. Somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se. (...) Este ser é o homem". (Paulo Freire, 1979).

O verdadeiro compromisso é a solidariedade para com aqueles que, na sua situação concreta, se encontram convertidos em "coisas", os marginalizados da sociedade, os pobres e oprimidos. É o compromisso pela libertação do homem de todas as formas de opressão, para que ele possa ser capaz de refletir e agir livremente no sentido de engajar-se na sua realidade concreta. "Este compromisso com a humanização do homem, que implica numa responsabilidade histórica, não pode realizar-se através do palavrório, nem de

nenhuma outra forma de fuga do mundo, da realidade concreta, onde se encontram os homens concretos".

Quando os homens experimentam este tipo de compromisso, já não se dizem neutros. A neutralidade em relação ao mundo, à história, aos valores, reflete o medo que se tem de assumir o compromisso. Este medo é quase sempre resultante de um compromisso contra a humanidade, um compromisso egoísta consigo mesmo, com os próprios interesses ou com os interesses dos grupos afins; um compromisso falso, portanto, sinal de uma neutralidade impossível.

Por outro lado, se o compromisso só é válido quando está carregado de humanismo, este por sua vez, para ser consequente, precisa se fundamentar nas ciências do homem. É necessário, no trato com a realidade e com os homens concretos, que se ultrapasse a consciência ingênua. É preciso perceber a realidade como uma totalidade, cujas partes se encontram, em permanente interação. Por isso, encarar a família como uma realidade isolada da sociedade global, como um departamento estanque implicaria numa visão "focalista" da realidade, numa visão ingênua que não poderia constituir um compromisso. É transformando a totalidade que se transformam as partes e não o contrário. Os homens, e aqui particularmente, as famílias,



devem ser vistos na sua totalidade. No seu "que-fazer-ação-reflexão", que sempre se dá no mundo e sobre ele.

Entretanto, em nossos Países há um obstáculo que ameaça a autenticidade do compromisso. Tratando-se de sociedades cujos centros de decisão econômica e cultural se encontram, em grande parte, fora delas, elas são e não são elas próprias. São sociedades de economia periférica, dependente, com exportação subjugada aos interesses comerciais das nações de economia central, importando, além de produtos industrializados, idéias, técnicas e modelos de outros contextos.

A importação de técnicas e tecnologia para a solução dos problemas, sem a devida "redução sociológica" destes instrumentos às nossas condições objetivas, provocam a alienação cultural, a nostalgia de mundos e sociedades desenvolvidas e estranhas à nossa realidade. Inibem a criatividade, provocam a insegurança, produzem o medo do novo ou do risco, atrelam as iniciativas a fórmulas e formas cristalizadas pelo tempo ou pelo hábito, sem permitir um mergulho no próprio conteúdo

existencial.

O momento histórico da América Latina, marcado por crises econômicas, políticas e sociais, exige de todos nós uma reflexão séria sobre a sua realidade, que se transforma de modo acelerado. Esta reflexão, sendo crítica, é compromisso real e verdadeiro. É um compromisso com o destino de cada nação. É compromisso com o povo. Com o homem concreto. Com o seu processo de liberação.

A Igreja reconhece o valor "construtivo de tensões sociais que, dentro das exigências da justiça, contribuem para garantir a liberdade de direitos, especialmente dos mais fracos". (Puebla, 1228).

"A política está sendo corrigida à base de conflitos, na medida em que outros meios de correção não foram tolerados ou se revelaram ineficazes. (...). Mas as correções, à base de conflitos têm um alto custo social que deveria ser evitado; podem deflagrar reações em cadeia que acabam por destruir as possibilidades de diálogo e de planejamento racional. Note-se entretanto que o custo social dos conflitos será inevitável enquanto não se enfrentar o custo social ainda ►

maior da concentração de riqueza". (Subsídios para uma política social. Estudos da CNBB, 24. Ed. Paulinas, S. Paulo 27 e 28).

Não é apenas o direito do pobre que Jesus proclama; é o amor que realiza este direito que vai muito além das exigências da justiça. Os que possuem são administradores dos bens, sobre os quais, no dizer de João Paulo II pesa uma hipoteca social.

Na parábola do Juízo Final, Jesus sintetiza um duplo ensinamento: a salvação daqueles que reconhecem o direito do pobre, partilhando seus bens no amor, e a condenação do rico de coração apegado a seu tesouro (Lc. 12,33). Jesus proclama essa doutrina em tom solene: "Tive fome... tive sede... era peregrino... estava nu... estava enfermo, estava preso...". Cristo é o pobre que nos julgará.

Entre os numerosos textos do Novo Testamento que fazem eco a esta doutrina, destaca-se a epístola de São Tiago:

"Vós ricos, chorai e gemei por causa das desgraças que sobre vós virão. Vossas riquezas apodrecem e vossas roupas foram comidas pela traça. Vosso ouro e vossa prata en-



46

ferrujaram-se e a sua ferrugem dará testemunho contra vós e devorará vossas carnes como fogo.

Entesourastes nos últimos dias Eis que o salário que defraudastes aos trabalhadores que ceifavam os vossos campos clama, e os gritos dos ceifadores chegaram aos ouvidos do Senhor dos exércitos". (Tg. 5,1-4).

### FUNDAMENTOS ANTROPOLÓGICOS E TEOLÓGICOS

Inserida na realidade social descrita anteriormente, a Igreja é chamada a confirmar a sua presença evangélica. Como instituição, como força social, ela já tem uma presença significativa, seja pelo número de adeptos, seja pela sua participação na história do Continente. Segundo a Gaudium et Spes, a Igreja, como uma comunidade de fé, com uma finalidade religiosa, projeta esta fé sobre a realidade humana, iluminando-a e retificando-a.

"As situações de injustiça e de pobreza extrema são um sinal acusador de que a fé não teve a força necessária para penetrar os critérios e as decisões dos setores responsáveis da liderança ideológica e da organização da convivência social e econômica de nossos povos". (Puebla, 437).

Quem deseja constituir uma nova sociedade na América Latina, sendo cristão, não deve equivocar-se sobre o sentido do homem e seus valores. A primeira parte de Gaudium et Spes, dedicada "à Igreja e a vocações", contém o ponto de partida da Doutrina Social da Igreja.

A primeira e mais fundamental raiz de tudo que a Igreja pode dizer sobre o homem e a sociedade é a palavra revelada de Deus. A revelação de Deus pelos profetas e posteriormente pelo seu próprio Filho, Jesus Cristo, nos leva a desconfiar do seu mistério. Em Cristo temos o caminho para a verdade e a vida.

Jesus revela ao homem o mistério

do próprio homem chamado a ser filho de Deus e a participar da vida divina. Isto fundamenta a verdadeira fraternidade entre todos, filhos do Pai comum.

Esta experiência de fé é a base da originalidade da teologia e da antropologia cristãs. A dignidade da pessoa humana, conceito novo de liberdade como entrega ao outro na reciprocidade, é um ideal de comunhão e participação e está implícito nesse conceito de homem como ser criado à imagem de Deus.

A característica original da doutrina, da ética e da prática cristã reside no fato de que não visam a outro fim senão levar o homem a ser sempre mais homem:

"Não só a mensagem evangélica é dirigida ao homem, como também é uma mensagem messiânica sobre o homem: é a revelação ao homem da verdade total sobre ele mesmo e sua vocação em Cristo". (João Paulo II, Discurso aos Bispos franceses, 19/06/80).

Por isso, o Cristão, sem perder a sua identidade, pode dialogar com todos os homens, sejam eles não



RAIMUNDO SILVA

cristãos, agnósticos ou ateus. Pode reconhecer em todo homem a semelhança da verdade latente. Nada de humano lhe é alheio. Assim sendo, as conquistas na área das ciências humanas se constituem num acervo a ser utilizado pelo cristão, uma vez que proporcionam um maior conhecimento do homem e da sociedade.

O ser humano está arraigado no sensível, no visível, no terreno e no temporal. Porém, imerso na natureza, o homem emerge, pelo seu próprio espírito, ao mundo invisível, fora dos limites do tempo e do espaço. O homem transcende à natureza e à história.

A antropologia cristã concebe a identidade humana como uma unidade de corpo e espírito, indissolúvel, proclamando a imortalidade da alma e garantindo a ressurreição dos corpos. Assim, o homem transcende a si mesmo. A vida humana, em todas as suas manifestações, atinge a plenitude quando incorpora os valores que lhe dão seu sentido último. Tanto na vida pessoal, conjugal e familiar, quanto na vida econômica, política, social e cultural.

# Pastoral familiar e educação para o amor

Fr. Antonio Moser

Nosso contexto sócio-cultural, todo ele perpassado por uma situação precária, tanto em termos econômicos, como políticos, exige da Pastoral Familiar uma vinculação estreita com a Pastoral Social. Contudo, essa vinculação não deverá deixar na sombra os vínculos necessários com os outros setores da Pastoral. Sobretudo, não deverá deixar a impressão de que não sobre nada de específico para a Pastoral Familiar. Pelo contrário, essas vinculações pressupõem justamente que a Pastoral Familiar traga para a ribalta elementos que facilmente se perdem no conjunto de outros problemas pastorais. E nada parece mais urgente no campo matrimonial e familiar do que uma profunda **Educação para o Amor**.

Com isso, entretanto, nem tudo está dito. É preciso explicar o que se entende por "Educação para o Amor", sobretudo quando, no nosso meio, tanto a educação, quanto o amor, tendem traduzir conceitos um tanto vagos e por vezes superficiais. Uma adequada "Educação para o Amor" traz consigo, ao menos, algumas exigências básicas, que podem ser resumidas num "processo educativo" e uma visão adequada da sexualidade, nos seus múltiplos aspectos e no seu sentido mais profundo.

## 1. ALGUMAS EXIGÊNCIAS DE UM PROCESSO EDUCATIVO

Já há três decênios, o documento de Medellin chamava a atenção para as falhas inerentes ao processo educacional, como se dá no contexto latino-americano. Trata-se, muitas vezes, de um mero ensinamento, repe-

tivo, estereotipado, que transmite uma série de conteúdos desligados da realidade. Por isso mesmo, nosso sistema educacional tende mais a manter o **status quo** do que inserir as novas gerações num processo transformador. E isso se torna tanto mais preocupante quando se tem presente o campo da sexualidade.

Em consonância com a ideologia capitalista, valoriza-se antes de tudo o **ter, o consumo e o prazer fáceis**. Os próprios mecanismos sociais, alimentados pelos Meios de Comunicação, tendem a aprofundar as tendências de satisfação imediata, epidérmica e descompromissada dos impulsos sexuais. Isso tudo só vem reforçar certos elementos inerentes à nossa cultura, eivada de machismo e de outros ingredientes despersonalizantes.

Em se tratando de educação sexual no nosso contexto, essa não poderá deixar na sombra os traços acima descritos, e muito menos o papel alienante que a satisfação dos impulsos sexuais exerce em consonância com certos pressupostos ideológicos. É justamente através da exploração da sexualidade que se tende a alimentar uma sociedade que mantém grande parte da população à margem de tudo.

Normalmente só se recebe o ângulo econômico da exploração sexual, assinalando-se a pornografia, a prostituição, a venda de produtos embalados pela atmosfera sexual. Contudo, por mais importante que seja este ângulo, ele não é, certa-



mente, o único, nem o mais preocupante. Esse localiza-se exatamente nos aspectos ideológicos e políticos: a exploração dos impulsos sexuais faz parte de um jogo maior, de dominação das massas. Se os antigos imperadores romanos sabiam que nada acalma mais um povo inquieto do que oferecer-lhe pão e circo, os modernos descobriram que existem ingredientes ainda mais eficazes: o sexo e a droga. Nenhuma revolução social profunda é possível enquanto um povo não criar uma consciência crítica nesse particular e não instaurar outro tipo de comportamento sexual, não liberalizante, mas exatamente personalizante.

A consciência crítica, já há muito trabalhada por um certo número de

educadores, alcança aqui todo o seu significado. Trata-se de perceber as causas profundas de uma situação, e iniciar um processo de libertação. Só que nenhuma libertação econômico-social, e muito menos integral, é possível, se não se estiver atento também a esse aspecto da realidade; pois as amarras mais profundas parecem localizar-se justamente na exploração do campo afetivo-sexual.

Falar em **processo educativo** implica ainda em ter presente que esse é inviável fora de algumas presunções, que apenas enumeramos: que ele seja comunitário, e mesmo político; que mergulhe nos mecanismos de violência e injustiça institucionalizadas; que tome a sério nossa realidade de pobreza generalizada.

zada e perpassada dos mais diversos conflitos; que seja persistente e sempre de novo retomado. Não se trata da transmissão pura e simples de alguns conhecimentos, que mais reforçam os mecanismos de uma engrenagem de dominação do que abrem perspectivas de uma libertação integral. E com isso já vemos despontar um segundo elemento de uma Educação para o Amor. Sem essa, o processo educativo estará fadado ao fracasso, com repercussões imediatas nos campos do matrimônio, da família e da própria sociedade.

## 2. COMPREENSÃO ADEQUADA DA SEXUALIDADE

Numa sociedade sexista, nada parece mais evidente do que o fato de todos terem um adequado conhecimento da sexualidade humana. E, no entanto, se dá justamente o contrário. A deformação sexual já se verifica por uma compreensão redutora, muitas vezes resumida em simples aspectos biológicos. Daí a importância de apresentá-la em suas múltiplas dimensões, já que nos encontramos diante de uma realidade complexa.

Não há por que diminuir a importância dos aspectos bio-fisiológicos. Afinal, são os mais palpáveis, e é sobre eles que se estrutura a sexualidade humana. Podemos mesmo conceder que a própria bio-fisiologia já assinala três funções básicas da sexualidade: a do relacionamento, a da procriação e a do prazer. Contudo, mesmo de um ponto de vista científico, ficar neste plano seria insustentável. Já há muito a sexologia vem assinalando outras dimensões igualmente importantes: particularmente a psicológica, a afetiva e a sócio-cultural. E deveríamos acrescentar ao menos duas outras: a política-ideológica, já acima assinalada, e a religiosa, que iremos desenvolver mais adiante.

Diante disso é preciso ter claro

que o ser humano não tem sexo, mas é sexuado dos pés à cabeça, do início ao fim da vida. Essa é a condição criatural do humano. Mas a sexualidade humana não vem determinada, apenas pelo biológico, ou apenas por qualquer uma das outras funções. Ela se concretiza como totalidade única, onde uma das dimensões não pode ser entendida sem a outra. As muitas dimensões são como que janelas através das quais vai se constituindo o ser humano, sempre dentro de um contexto sócio-cultural. Daí a diversidade de expressões性uais, e mesmo sua dinâmica evolutiva.

Não basta, contudo, entender que a sexualidade tem muitas dimensões. É preciso buscar seu sentido profundo. E isso nos leva a evidenciar o aspecto propriamente teológico, ou seja, as dimensões do Amor. Pois, esse que oferece o sentido da sexualidade humana.

Víamos acima que as múltiplas dimensões da sexualidade são como que "janelas" pelas quais um "eu" entra em relação com um "tu". Elas representam a possibilidade de uma quebra da solidão. A quebra da solidão é o primeiro e o mais fundamental desafio do ser humano. Se, por um lado, a busca da identidade pessoal força o ser humano para a sua própria intimidade, por outro, a mesma busca o empurra para fora de si mesmo. É somente saindo de si próprio e estabelecendo um diálogo com o outro e com o Grande Outro (o transcendente) que ele se afirma como diferente. É nesse processo constante entre identidade e alteridade que se estrutura a personalidade humana.

Contudo, isso não ocorre automaticamente. Pelo contrário, já desde Freud fica claro que a sexualidade é uma força ambivalente. Ela tanto pode manifestar-se como força de vida, quanto de morte; tanto pode agregar, quanto desagregar. Tudo vai depender do tipo de Amor que va-



sendo cultivado. E é justamente aqui que uma visão teológica adequada do Amor é indispensável.

Quando nos perguntamos pela raiz última da sexualidade, vamos, forçosamente, desembocar no próprio Deus, que é Amor. Não sendo nem sexuado, nem procriador, Ele, contudo, está na origem de toda sexualidade e de toda fecundidade. É seu Amor que está na origem de tudo. Como Deus-Amor, quis confiar aos seres humanos esse dom primeiro e mais fundamental para a realização humana. A possibilidade de realizar-se passa pela sexualidade, mas não é a sexualidade que nos faz descobrir o Amor, e sim é o Amor que revela a natureza profunda da sexualidade.

Essas últimas considerações já nos fazem perceber que o Amor, que anima a sexualidade, não encontra a razão de ser numa dimensão horizontalista, que se fecha sobre si mesma. Pelo contrário, toda a Teologia Bíblica e a Grande Tradição

testemunham que o amor humano só é verdadeiro na medida em que se abre para Deus. É certo que os planos salvíficos de Deus passam pela sexualidade e pelo amor humano. Mas, também é certo que a sexualidade e o Amor só assumirão uma dimensão salvifica na medida em que forem sintonizados com os grandes Projetos de Deus.

Amor e sexualidade são dons de Deus, e por isso se transformam automaticamente em tarefa, seja ao nível pessoal, interpessoal ou comunitário-social. E a tarefa consiste exatamente nisto: que a sexualidade, animada por um Amor profundo e verdadeiro, se projete para além das próprias pessoas. E assim percebemos, de imediato, que a reflexão teológica sobre a sexualidade não pode ser reduzida a uma leitura de chave exclusivamente personalista, por mais importante que essa seja. Ela será mais enriquecida se feita em chave social. A sexualidade e o matrimônio só serão devidamente compreendidos e vivenciados na medida em que se colocarem à luz da Aliança e do Reino. É nesse nível, em busca da construção da Grande Família de Deus, que se revela seu sentido mais profundo. Uma visão intimista e distanciada da história concreta, com todas as suas contradições, só poderá projetar uma imagem de amor, matrimônio, família e sexualidade idealizadas. Por isso mesmo contraproducentes em termos pastorais, porque desvinculados dos Planos grandiosos de Deus. Esses não visam, em primeiro lugar, pessoas, casais e famílias fechadas em sua felicidade. Visam exatamente pessoas, casais e famílias que encontram sua realização construindo a Vida numa sociedade conflitiva e, aparentemente, dominada pelas forças da morte. É nesse horizonte que deve ser entendida a Educação para o Amor e é nesse horizonte que se encontra o sentido mais profundo da sexualidade humana.

# Celebração da alegria do encontro de amigos

**Celebrante:** Aqui estamos, irmãos, na alegria reunidos!

**Todos:** Deus seja bendito. Em seu nome, estamos reunidos!

**Comentarista:** Estamos chegando / de todos os cantos, / trazendo conosco / perguntas e esperanças. / Estamos chegando, / de todos os cantos, / querendo escutar a voz dos amigos, / a voz dos irmãos.

**Uma voz:** Estamos chegando, de todos os cantos, querendo escutar a voz dos amigos, querendo escutar a voz dos irmãos!

**Outra voz:** Estamos chegando, de todos os cantos, buscando amizade, amizade carregando.

**Todos:** Trazemos conosco / caminhos andados, / poucos ou muitos / os anos vividos. Trazemos nos olhos, / o brilho da esperança.

**Canto:** "Canção da América"  
(Milton Nascimento)

Amigo é coisa pra se guardar  
Debaixo de sete chaves  
Dentro do coração.  
Assim falava a canção  
Que na América ouvi.  
E quem cantava chorou,  
Ao ver seu amigo partir.  
E quem ficou, no pensamento voou  
Na lembrança que o outro cantou.

Amigo é coisa pra se guardar  
No lado esquerdo do peito,  
Mesmo que o tempo e a distância digam não,  
Mesmo esquecendo a canção.  
O que importa é ouvir  
A voz que vem do coração.  
Pois seja o que vier,  
venha o que vier.  
Qualquer dia, amigo, eu volto  
a te encontrar.  
Qualquer dia, amigo, a gente  
Vai se encontrar.

**Canto:** "Pra não dizer que não falei de flores". (Geraldo Vandré).

Caminhando e cantando e seguindo a canção  
Somos todos iguais, braços dados ou não  
Nas escolas nas ruas, campos,  
construções,  
caminhando e cantando e seguindo a missão

Vem, vamos embora, que esperar não é saber,  
quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Pelos campos a fome em grandes plantações  
Pelos ruas marchando indecisos cordões  
Ainda fazem da flor seu mais forte refrão  
e acreditam nas flores vencendo o canhão.

Vem, vamos embora, que esperar não é saber  
quem sabe faz a hora, não espera acontecer

Há soldados armados, amados ou não  
Quase todos perdidos, de armas na mão  
Nos quartéis lhes ensinam antigas lições  
de morrer pela pátria e viver sem razões

Nas escolas, nas ruas, campos,  
construções  
somos todos soldados armados ou não  
caminhando e cantando e seguindo a canção  
somos todos iguais braços dados ou não

Vem, vamos embora, que esperar não é saber  
quem sabe faz a hora, não espera acontecer

Os amores na mente, as flores no chão  
A certeza na frente, a história na mão  
caminhando e cantando e seguindo a missão  
aprendendo e ensinando uma nova lição.

# SOMOS TODOS IRMÃOS?

**Comentarista:** Estamos sendo chamados, a cada instante, por um Deus que é e que quer ser conosco.

## ORAÇÃO FINAL:

**Leitor:** Para que eu acolha, com abertura, o que o outro me vai dizer,

**Todos:** prepara teu Povo, Senhor.

**Leitor:** Para viver a união e a partilha,

**Todos:** prepara teu Povo, Senhor.

**Leitor:** Para que eu veja com clareza quem sou eu,

**Todos:** prepara teu Povo, Senhor.

**Leitor:** Para que eu tenha a coragem de mudar de vida, para melhor viver a justiça e a fraternidade,

**Todos:** prepara teu Povo, Senhor.

**Celebrante:** Volta teu rosto para nós, Senhor, para que brilhe a luz de uma nova esperança, para que sintamos a alegria de tua presença, através dos amigos que aqui estão.

**Todos:** Assim seja. Amém!

**Canto:** "Coração de Estudante".  
(Wagner Tiso / Milton Nascimento)

Quero falar de uma coisa  
Adivinha onde ela anda?  
Deve estar dentro do peito  
Ou caminha pelo ar  
pode estar aqui ao lado  
Bem mais perto que pensamos  
A folha da juventude  
É o nome certo desse amor.

Já podaram seus momentos  
desviam seu destino  
Seu sorriso de menino  
Quantas vezes se escondeu  
Mas renova-se a esperança  
Nova aurora a cada dia  
E há que se cuidar do broto  
P'rá que a vida nos dê flor e fruto

Coração de Estudante  
Há que se cuidar da vida  
Há que se cuidar do mundo  
Tomar conta da amizade  
Alegria e muito sonho  
Espalhados no caminho  
Verdes: planta e sentimento  
Folhas, coração,  
Juventude e Fé.

Roteiros elaborados por Manoel e Cidália Rocha, com base em paraliturgias publicadas em edições anteriores de Fato e Razão.

# Celebração do compromisso com a justiça e a fraternidade

**Canto:** "Maria, Maria". (Milton Nascimento)

Maria, Maria é o dom, uma certa magia, uma força que nos alerta, uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta.

Maria, Maria é um som, uma cor, é o suor, é a dose mais forte, lenta, de uma gente que ri quando deve chorar e não vive apenas aguenta.

Mas é preciso ter força, é preciso ter garra, é preciso ter grana sempre; quem traz no corpo uma marca Maria, Maria, mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha, é preciso ter graça, é preciso ter sonho sempre; quem traz na pele essa marca, possui a estranha mania de ter fé na vida.

**Celebrante:** Vamos, juntos, olhar para a realidade que nos cerca.

**Comentador:** Assim o mundo moderno se apresenta, ao mesmo tempo, poderoso e débil, capaz de realizar o ótimo e o péssimo, enquanto caminha para a liberdade ou para a escravidão, para o progresso ou para a regressão, para a fraternidade ou para o ódio.

**Todos:** Assim enquanto faltam, neste mundo, / à enorme multidão, / coisas absolutamente necessárias, / vivem alguns poucos / de modo opulento / ou desperdiçam seus bens.

**Celebrante:** Podemos perceber: nossa sociedade elitista e capitalista não existe em função dos pobres – nem suas leis, nem seus juízes, nem

sua força policial, nem seus meios de comunicação.

Podemos todos perceber que a história dos homens tem gerado desigualdades, disparates, rivalidades e dependência de toda sorte.

**Mulheres:** O uso indiscriminado dos bens / produz fatalmente / uma deformação da pessoa.

**Homens:** Torna-se incapaz de perceber / as exigências da justiça, / da solidariedade e da fraternidade.

**Todos:** Estruturas econômicas / tornam-se matrizes / de pobreza coletiva, / de situações infra-humanas de vida, / de violência, / de ódio, / de tensões e de traumas.

**Comentador:** A televisão, o rádio, jornais e revistas fazem apenas um discurso.

**Todos:** Escutamos apenas / a voz da propaganda, / a promoção do materialismo, / a exibição do consumismo desenfreado.

**Mulheres:** Não são dois nem três. / São milhares de milhares, / todos nossos irmãos, / nessa mesma condição, / vítimas das estruturas / que criamos e mantemos com vigor.

**Homens:** Acontece que hoje, / por toda a parte, / esses milhares de espoliados / tomam consciência / da sua própria situação / e procuram unir-se / para lutarem juntos / contra as causas da injustiça social.

**Todos:** Emergem então os pobres, / massa que, aos poucos, / se transforma em povo.

Povo que procura / desesperadamente / ter voz, voz e voto / na construção do próprio destino.



**Celebrante:** E nós, que consciência temos disso tudo? (Pausa).

**Leitores:**

1 – Procuramos ver a realidade que nos cerca, ou nos afastamos comodamente porque "não podemos fazer nada"? (Pausa).

2 – Procuramos conhecer nossas limitações para melhor superá-las, ou achamos que tudo podemos fazer sozinhos? (Pausa).

3 – Achamos que somos melhores do que os outros ou reconhecemos que ainda temos muito que caminhar? (Pausa).

4 – Neste momento, aqui e agora, achamos que não há esperança, que nada pode mudar, ou estamos abertos para rever nossas atitudes, reconhecendo que temos uma parcela de culpa nessa situação que aí está? (Pausa).

**Todos:** Que opção / estamos dispostos a fazer? / Que responsabilidade / estamos dispostos a assumir? (Pausa).

**Canto:** "Caçador de Mim".

Por tanto amor, por tanta emoção  
A vida me fez assim  
Doce ou atroz, manso ou feroz  
Eu, caçador de mim  
Preso a canções, entregue a paixões  
Que nunca tiveram fim  
Vou me encontrar longe do meu lugar  
Eu, caçador de mim

Nada a temer senão o correr da luta  
Nada a fazer senão esquecer o medo  
Abrir o peito à força numa procura  
Fugir às armadilhas da meta escura

Longe se vai, sonhando demais, mas  
onde se chega assim  
Vou descobrir o que me faz sentir  
Eu, caçador de mim.

**Leitor:** Por não termos coragem para ver o mundo pelos olhos dos mais pobres e dos que sofrem.

**Todos:** Pedimos perdão a Deus / e aos irmãos injustiçados.

**Leitor 2** Por não termos coragem para tentar mudar essas situações de injustiça,

**Tôdos:** Pedimos perdão a Deus / e aos irmãos que vivem na miséria e na doença.

**Leitor 3:** Por não termos coragem de aceitar que ser cristão implica em compromisso de vida mais fraterna e solidária,

**Todos:** Pedimos perdão a Deus / e aos irmãos abandonados e marginalizados.

**Leitor 4:** Por não termos coragem e humildade para fazer alguma coisa, mesmo que pequenas coisas, em favor da justiça, não sozinhos, mas unindo esforços com os outros.

**Todos:** Pedimos perdão a Deus / e aos irmãos que são mantidos / na ignorância e na doença.

**Leitor 5:** Por não termos humildade para aceitar fazer coisas que parecem pequenas

**Todos:** Pedimos perdão a Deus / e aos irmãos que passam fome e frio, / esperando apenas, / hoje e não amanhã / pão e agasalho, / que temos em abundância.

**Leitor 6:** – Por não termos humildade para aceitar que o Reino de Deus é semente, que se lança à terra, em forma de pequenos gestos concretos de justiça e solidariedade.

**Todos:** – Pedimos perdão a Deus / e aos irmãos desumanizados e oprimidos / pelo salário indigno / e pelas perversas condições de trabalho.

**Leitor 7:** – Por não termos sensibilidade suficiente para descobrir a alegria do seguimento de Jesus Cristo, que é justamente a vivência da justiça e da fraternidade.

**Todos:** – Pedimos perdão a Deus / e a todos os irmãos / que são vítimas da nossa omissão.

#### CELEBRAÇÃO DA PURIFICAÇÃO PELA ÁGUA

**Celebrante:** – A água tem um forte significado simbólico. A água lava e purifica, fecunda a terra, sacia

a sede dos homens e de todos os seres vivos. A água é a habitação de uma infinidade de espécies de animais e plantas, que dela dependem para viver.

Por isso, tomamos a água, aqui, hoje, como no Batismo, como sinal de vida e purificação.

Ao lavar nossas mãos nessa água, pediremos a Deus que nos purifique de nossas faltas de coragem e humildade, que sinceramente confessaremos, de modo que livres dessas faltas, renasçamos para uma vida nova, mais comprometida com a justiça e a fraternidade.

**Todos:** Que Deus nos purifique / de nossas faltas e omissões, / e nos dê coragem e humildade / para vivermos nosso compromisso / com a justiça e a fraternidade.

(Todos se aproximam da jarra de água e lavam as mãos, como ritual de purificação).

**Celebrante:** Muito se disse, muito se sentiu, nesta celebração.

**Todos:** A lição já sabemos de cor.

Agora é tratar de viver o que assumimos / como compromisso de vida.

Assim seja! Amém!

**Canto:** "Novo Tempo".

No novo tempo, apesar dos catigos  
Estamos crescidos, estamos atentos,  
estamos mais vivos  
Pra nos socorrer

No novo tempo, apesar dos perigos  
da força mais bruta, da noite que assusta  
estamos na luta, pra sobreviver

Pra que a nossa esperança  
seja mais que vingança  
seja sempre um caminho  
que se deixa de herança

No novo tempo, apesar dos castigos,  
de toda fadiga, de toda injustiça,  
estamos na briga, pra nos socorrer

No novo tempo, apesar dos perigos,  
de todos pecados, de todos enganos,  
estamos marcados, pra sobreviver.

# celebração da Palavra de Deus e da partilha

#### CELEBRAÇÃO DA PALAVRA

**Canto:** "Bandeira do Divino" (Ivan Lins).

**Celebrante:** Estamos de novo reunidos, Povo do Senhor. A luz de sua Palavra, a força do seu Espírito fazem-nos buscar um futuro novo.

**Todos:** A luz da sua Palavra, / força de seu Espírito, / é uma provocação de nosso Deus, / desse Deus que caminha conosco!

**Leitor 1:** A Palavra é um dom de Deus. Dela teremos que dar conta.

**Leitor 2:** É pela Palavra que nos comunicamos, pessoa com pessoa.

**Todos:** A Palavra de Deus é a verdade, / Sua Lei é liberdade.

**Comentrista:** E é no diálogo com Deus-Pai, no diálogo com nossos irmãos, que vamos conhecendo, mais e mais, a realidade de nossas vidas.

**Leitor 1:** Fazendo do presente, ponto de partida para a busca de novos caminhos.

**Leitor 2:** Caminhos descobertos por nossos corações e mentes, à luz da Palavra do Senhor.

**Todos:** Caminhos da história dos homens, / caminhos concretos, / provisórios, questionantes...

#### LEITURA E PARTILHA DA PALAVRA DE DEUS

(Todos são convidados a comentar a leitura escolhida).

**Todos:** Recebe, Senhor, / nossas palavras. / Que elas cheguem a ti / como nossa oferta, / do dia de hoje. / Que nossas palavras / não se percam no vazio, / mas se transformem / em bem para todos nós.

#### CELEBRAÇÃO DA PARTILHA DOS FRUTOS DA NATUREZA E DO TRABALHO DO HOMEM.

**Ofertório:** Cada participante poderá trazer algum objeto que tenha um significado especial de oferta e partilha. O que trouxerem, se juntará ao pão e ao vinho que, por sua vez, simbolizam o que a terra produz e o resultado do trabalho dos homens.

**Canto:** 'Cio da Terra' (Milton Nascimento).

Debuilhar o trigo  
Recolher cada bago do trigo  
Forjar no trigo o milagre do pão  
E se fartar de pão

Decepar a cana  
Recolher a garapa da cana  
Roubar da cana  
A docura do mel  
Se lambusar de mel

Afagar a terra  
Conhecer os desejos da terra  
Cio da terra, propícia estação  
E fecundar o chão

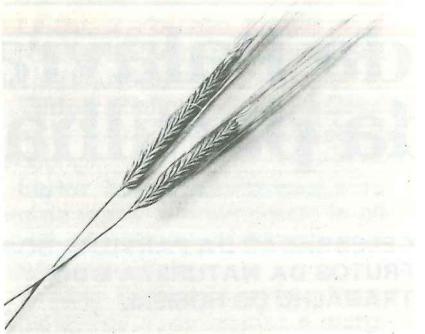
**Comentrista:** Só o homem sabe dar sentido às coisas. Todo símbolo cria um vínculo, cria laços entre as pessoas.

**Todos:** Porque só se vê bem / com os olhos do coração.

**Comentrista:** – Alguém quer apresentar ofertas que agradem a Deus?

**Celebrante:** – A oferta que agrada a Deus não é a oferta das coisas mortas, e sim o oferecimento da vida e daquilo que constitui a história de cada um de nós.

**Oferta:** – Cada participante ergue o objeto que simboliza a sua oferta e explica o seu significado.



**Celebrante:** – Os primeiros cristãos tinham tudo em comum, dividiam o pão com alegria.

**Comentarista:** – O pão e o vinho, frutos da terra e do trabalho dos homens, que não podem ficar concentrados nas mãos de uns poucos, enquanto a maioria permanece na pobreza e mesmo na miséria absoluta.

**Leitor 1:** Quem produz alimentos, agasalhos e constrói casas, tem o direito de usufruir daquilo que produziu. E não é isso o que estamos vendendo!

**Todos:** Senhor, / queremos partilhar / com os que nada têm, / nossos bens, / nossa vida, / nosso tempo, / nosso saber, / enfim, / tudo o que temos e somos.

**Comentaristas:** Na Missa, é isso que celebramos: a intenção sincera de dividir, a decisão firme de partilhar. Na Eucaristia, a partilha do pão e do vinho, que faz presente Jesus entre nós, significa a refeição comum, a comunhão com a fonte da vida e com todos os irmãos.

**Leitor 1:** A partilha nos dá maior capacidade de amar.

**Leitor 2:** Este é o sentido da religião: um processo de busca do encontro com Deus, através do encontro e serviço aos irmãos, celebrada no culto, na oração e nos sacramentos.

**Leitor 1:** A fé é o acolhimento com que o homem responde ao Deus que vem ao seu encontro.

**Leitor 2:** A fé é dom e tarefa!

**Comentaria:** O pão e o vinho serão partilhados, agora, entre todos os participantes (e pessoas que estão nessa casa, especialmente aquelas que nela trabalham e, humildemente, estiveram ao nosso serviço nestes dias).

**Canto:** "Comunhão"

Milton Nascimento e F. Bram

Sua barriga me deu a mãe  
o pai me deu o seu braço forte  
os seios fartos me deu a mãe  
o alimento, a luz, o norte.

A vida é boa, me diz o pai  
a mãe me ensina que ela é bela  
o mal não faço, eu quero bem  
na minha casa não entra a solidão.

Todo amor será comunhão  
a alegria de pão e vinho  
você bem pode me dar a mão  
você bem pode me dar carinho.

Mulher e homem é o amor  
mais parecido com primavera  
é dentro dele que mora a luz  
vida futura no ponto de explodir.

Eu quero paz, eu não quero guerra  
quero fartura, eu não quero fome  
quero justiça, eu não quero ódio  
quero a casa de bom tijolo  
quero a rua de gente boa  
quero a chave na minha roça  
quero o sol na minha cabeça  
quero a vida, não quero a morte não.

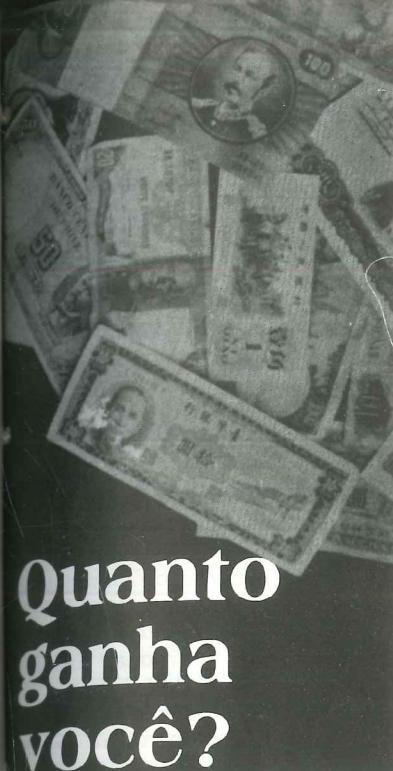
Quero o sonho, a fantasia  
quero amor e a poesia  
quero cantar, quero companhia  
eu quero sempre a utopia;  
o homem tem de ser comunhão  
a vida tem de ser comunhão  
o mundo tem de ser comunhão  
a alegria do vinho e pão  
o pão e o vinho enfim repartidos.

Sua barriga te deu a mãe/eu, pai, te  
dou meu amor e sorte  
os seios fartos de teu a mãe/  
o alimento, a luz, o norte.  
A vida é boa, te digo eu  
A mãe ensina que ela é sábia  
O mal não faço, eu quero bem  
A nossa casa reflete comunhão.

(Momento de silêncio).

**AÇÃO DE GRAÇAS:** Manifestações espontâneas dos participantes.

**Canto:** "A Bandeira do Divino"



## Quanto ganha você?

Se você gosta de se queixar do seu reduzido salário, cuidado! Observe quem está por perto, ouvindo as suas comoventes lamentações.

Você corre o risco de passar vergonha... e descobrir, espantado que é um privilegiado sem ter desconfiado.

Sim, sabemos disso: o que você ganha não dá para as despesas que crescem dia-a-dia. Já ouvimos essa história...

Mas vamos ver se você está atualizado com o quadro de salários que recebem os brasileiros.

Não! Não vamos inventar números para machucar, sadicamente, a sua consciência. A nossa ficaria doendo...

Este panorama que lhe vamos apresentar foi cuidadosamente apurado pelo IBGE que, como você sabe, é o Instituto oficial do Governo brasileiro em assuntos de pesquisas e estatísticas.

Vamos lá. Comece dividindo o seu

salário pelo valor do salário-mínimo. Assim, você fica sabendo quantos salários-mínimos lhe pagam pelo seu simpático trabalho.

Será que são mais de 5 salários-mínimos?

Se for assim, dê pulos de alegria! Você tem muita sorte: 73% dos brasileiros ganham menos do que você!...

Ah! mas talvez não seja esse o seu caso. Você ganha pouco mais de 2 salários-mínimos! Não dá para nada, resmunga você três vezes ao dia...

Ora, não chore de barriga cheia: 53% dos brasileiros ganham menos que você. Não acredita? Lamentamos, mas é a pura e macabra verdade.

Agora é a sua vez, caro Severino: você é daqueles que ganham um pouco mais de 1 salário-mínimo e sonham chegar, um dia, aos 2 salários-mínimos. Não desanime. Você chegará lá. Mas não se queixe demais: 30% dos brasileiros ganham menos que você!

"Não é possível" – espanta-se você, honestamente, ao ler esta revista que lhe emprestaram. Porque você não poderia comprá-la, naturalmente...

Controle a sua desconfiança, Severino!

Você não pode duvidar das estatísticas do Governo. Ele gastou muito dinheiro na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

Coisa de profissionais, muito bem feita.

Acaba de ser publicado o resultado.

Aceitamos o seu espanto: "ninguém pode viver como gente, com salários assim!" – diz você aflito.

É, Severino...

Mas quem lhe disse que estão vivendo como gente?

Ou, mesmo, simplesmente vivendo?

Você é um homem de sorte, Severino!

Parabéns.

# As metodologias participativas

Helio e Selma Amorim

Cresce, no MFC, a utilização de variadas metodologias e técnicas participativas, nos seus programas de formação de famílias, jovens, novos, leigos ou agentes de pastoral.

Os resultados são animadores.

Por isso, produzem justo entusiasmo e, muitas vezes, apaixonada adesão de agentes do MFC. Corre-se até risco de valorizar-se mais o método (meio) do que o próprio objetivo (fim) da formação: a evangelização, o anúncio da Boa Nova, que ilumina a busca de soluções mais humanas para os problemas humanos.

Por outro lado, a justa preocupação dos agentes de estimular a participação ativa de todos, a sua honesta postura de respeito aos valores e ao saber do grupo, e a correta disposição de não imporem suas crenças ou ideologias, podem levar a um espontaneísmo estéril.

Assim, muitos perguntam: como conciliar as variadas metodologias participativas com a proposta pedagógica do MFC, que supõe a intervenção explícita do agente, no anúncio da visão cristã do homem e do mundo?

Cabem, portanto, algumas considerações e reflexões que clarifiquem essas questões e orientem o desempenho dos que assumem as tarefas de formação, no MFC.

Devemos partir, justamente, dessa proposta fundamental, sem receio de assumir e proclamar: **as ações de formação que o MFC desenvolve não são neutras. Existe uma intenção explícita de anunciar o Reino de Deus, a visão cristã e o projeto de Deus para o Homem e o mundo.** E iluminar com esses dados da fé cristã, a busca de soluções

para os problemas humanos. Assim sendo, os agentes do MFC serão preparados para introduzir formalmente e intencionalmente no processo pedagógico, esses dados de fé, ajudando o grupo a articular a fé e vida. Isto não surge espontaneamente. Precisa ser anunciado. Não é imposto, mas claramente oferecido como possível chave para decifrar perplexidades e problemas humanos. Os coordenadores e agentes do MFC devem ser preparados para desempenhar esse papel.

Citando Moacir Gadotti: "É ilusão da pedagogia tradicional sustentar que a educação pode ser desvinculada do poder, da ideologia, que é possível uma educação neutra, que só uma educação neutra e desinteressada à verdadeira educação". E ainda: "O ato educativo é essencialmente político. O papel do pedagogo é um papel político. Sempre que o pedagogo deixou de fazer política, escondido atrás de uma pseudo-neutralidade da educação, estava fazendo, com sua omissão, a política da dominação". No nosso caso, diríamos que nosso papel nesse processo é também do homem de fé que assumiu a missão de anunciar-lá, considerando tratar-se de uma boa notícia (Evangelho).

Por outro lado, é comum predominarem em nossos programas de formação, questões relacionadas com diferentes aspectos da vida conjugal e familiar. Isso é próprio de movimentos familiares e é bom que assim seja. Há uma quantidade de problemas dolorosos nessa área que exigem nossa diligente e carinhosa atenção. Entretanto, nossa caminhada pessoal e grupal, no MFC, nos ensinou que as raízes desses problemas

estão geralmente no modelo infórmico de sociedade em que vivemos. E que não é possível resolver problemas desse tipo sem agir criticamente e de maneira transformadora sobre a sociedade, no espaço político mais amplo. **Essa descoberta não surge espontaneamente em prazo razável de tempo.** Deve ser uma descoberta progressiva mas provocada pelo agente do processo de formação, através de questionamentos adequados e colocações honestas e bem fundamentadas de sua própria ótica, não como a única ótica válida e verdadeira, mas como aquela que nos foi dado alcançar, através do processo que vivemos, iluminados pela fé que nos oferece uma visão muito especial do Homem e do mundo.

Os agentes do MFC deverão estar preparados para introduzir explicitamente esse elemento na caminhada dos grupos. E não esperar que es-

sa visão crítica do modelo social vigente acaso venha à tona (ou não).

Então se poderia questionar: como intervir tão explicitamente no processo de formação numa proposta de pedagogia participativa? Não há qualquer contradição, naturalmente, a menos que se entenda e confunda método participativo com espontaneísmo geralmente estéril.

Vamos nos valer, novamente, de Godotti: "Houve tempos em que se pensou que era suficiente opor uma pedagogia não-diretiva a uma diretriva. A não diretividade pode ser uma excelente técnica de ocultação ideológica e, portanto, de manipulação. Na verdade, as pedagogias não diretivas, ou 'centradas no estudante', nada mais fizeram do que desviar a educação do seu problema fundamental", centrando o problema da educação na relação educador-aluno, importante mas secundária. E acrescenta: "... as peda-



gogias não diretivas são reacionárias justamente por sua forma (que é o seu conteúdo), pelo nivelamento do professor e do aluno em nome de uma falsa 'igualdade ontológica'". O professor ou agente de formação do MFC não é um ente abstrato, mas uma presença atuante, participante, "dirigente", que anima, constrói, organiza, cimenta a ideologia que o motiva. Ainda Gadotti: "Que esse professor participe dirija, através de uma pedagogia diretiva ou não-diretiva, isso é secundário; o que é fundamental é que ele, pelo seu discurso, pela sua palavra, que é a sua arma, acolha e dê respostas ou tente responder aos problemas que a sociedade lhe coloca". (Há muito de Gramsci nessas colocações). Sugere, ainda que "um trabalho realmente crítico deve mostrar a possibilidade de fazer frente aos desafios do presente: descobrir, inventar, propor razões de esperança e os meios de traduzi-la concretamente".

Assim sendo, os agentes do MFC podem e devem intervir no processo pedagógico de forma adequada, sem receios indevidos de comprometer a proposta de uma pedagogia não-diretiva e mais participativa. Não há contradição. A questão só se colocaria se caíssemos na tentação de absolutizar métodos e modelos pedagógicos. Aceitamos que há variados caminhos para o mesmo objetivo último de anunciar o Reino e comprometer gente na sua edificação, desde aqui e agora.

Os variados métodos participativos utilizados pelo MFC parecem ter um ponto em comum: procura-se partir do saber do grupo, como matéria prima sobre a qual se trabalhará ao longo do programa.

Sobre essa base comum, encontramos em Pedro Pontual algumas considerações bastante esclarecedoras: "É muito importante como princípio partir do saber que o próprio grupo já tem a respeito do

tema que está em discussão e portanto criar condições para que esse saber seja explicitado. Só a partir daí devemos ajudar a sistematizar esse saber, questioná-lo quando necessário e introduzir informações novas que venham ampliar e modificar esse conhecimento que o grupo já traz. E o que podemos chamar de pedagogia do "saca-roliha" e da "chave de fenda". É importante que se compreenda esse princípio não de forma espontânea como se então a função do educador fosse simplesmente "organizar as informações que o grupo explicita", mas sim na perspectiva de uma pedagogia de "troca de saber" onde o saber do grupo e do educador devem se confrontar e se complementar na perspectiva de criação de um novo saber que faça avançar a prática de luta do grupo. Dentro dessa perspectiva é importante que o educador tenha uma atitude ativa de questionar o saber do grupo quando necessário, de questionar o seu próprio saber e de trazer informações e elementos novos que ajudam a ampliar o conhecimento que o grupo já tem sobre o assunto. Isto requer do educador um domínio bastante amplo e sistematizado de informações e experiências sobre o assunto em discussão para que ele possa efetivamente contribuir com sua parte nesse processo de troca e construção de novos conhecimentos".

Como antes alertávamos existe o risco da absolutização de métodos e técnicas, que então se transformam em ritos mágicos, rígidos e imutáveis. Também nessa questão, Pedro Pontual nos oferece uma visão clara e desmisticificadora: "Sobre as técnicas pedagógicas a serem utilizadas, lembramos que elas devem ser escolhidas sempre visando garantir as linhas gerais da metodologia proposta. Portanto é importante utilizarmos e criarmos técnicas que garantam a mais ampla participação

possível do grupo; que permitam o grupo explicitar e socializar o saber que tem sobre o assunto; que permitam o grupo "se perguntar" sempre mais sobre a sua prática; que permitam o grupo se apropriar efetivamente das ferramentas de análise da realidade e de como conduzir o trabalho. É muito importante que a gente vá sempre pesquisando e criando para não tomarmos as técnicas participativas ou as dinâmicas como fins em si mesmas ou como "varinhas mágicas" que resolvem tudo. É preciso testar e criar essas ferramentas sempre a partir dos objetivos definidos do tipo de conteúdo que está sendo discutido e a partir dos princípios gerais da metodologia que está sendo desenvolvida – não há dinâmi-

cas ou técnicas boas em si ou eficientes em toda e qualquer situação. É preciso explorarmos o uso de técnicas participativas que permitam o povo utilizar e integrar diversas formas de expressão: a oral, a escrita, corporal, musical, plástica, etc. Recomenda-se que exposições sejam feitas apenas quando necessárias e de forma breve e dialogada".

Concluimos, reafirmando que a difusão da proposta pedagógica do MFC, apoiada em metodologias participativas, é uma riqueza, cujos frutos já são visíveis.

Por isso mesmo, é urgente e prioritária a tarefa de formar e capacitar agentes para utilizarem esse instrumental valioso de forma adequada e fecunda, orientada para uma autêntica e comprometedora evangelização.



Autores referidos no texto:  
Mácir Gadotti - "Revisão Crítica do Papel do Pedagogo na Atual Sociedade Brasileira", 1978.  
Pedro Pontual - "Educação Popular na Formação de Lideranças" - 1985

# Pressupostos para a pastoral familiar

Mariola e Elizeu Calsing

São inúmeras, hoje em dia, as práticas pastorais em favor do casamento e da família, mas que parecem perder sua vitalidade e eficácia de outrora quando as famílias se encaixavam mais facilmente nas orientações religiosas e sociais vigentes, sem maiores contestações. Daí a urgência e necessidade de integrar a pastoral familiar no espírito de unidade e ação da Igreja que caminha e que busca iluminar e deixar-se iluminar por todos os aspectos da realidade vivida pelo Povo de Deus.

A *Familiaris Consortio* assinala com bastante ênfase que "a ação pastoral é sempre expressão dinâmica da realidade da Igreja, empenhada na missão de salvação. Também a pastoral familiar – forma particular e específica de pastoral – tem como princípio operativo e como protagonista responsável a mesma Igreja, através de suas estruturas e dos seus responsáveis" (F.C. 69-d).

Isto significa, de imediato, postular a necessidade de uma explicação dos fundamentos da pastoral familiar dentro de um plano de pastoral orgânica da Igreja, para que tenha pertinência e solidez enquanto pastoral.

Os pressupostos que serão apresentados, e que não são exaustivos, têm o objetivo de traçar as perspectivas pastorais para o campo da família e para toda a realidade que envolve o matrimônio.

Eis os pressupostos que se julga mais apropriados para a organização e desenvolvimento da pastoral familiar em nosso País:

Extraído da coletânea de estudos "Pastoral Familiar", da CNBB, Ed. Santuário, 1990.

a) A **pastoral familiar** precisa estar em consonância com a pastoral de conjunto, em particular com a pastoral social, para ser um fator de discernimento comunitário e uma possibilidade concreta de crescimento da Igreja em sua fidelidade à vontade de Deus;

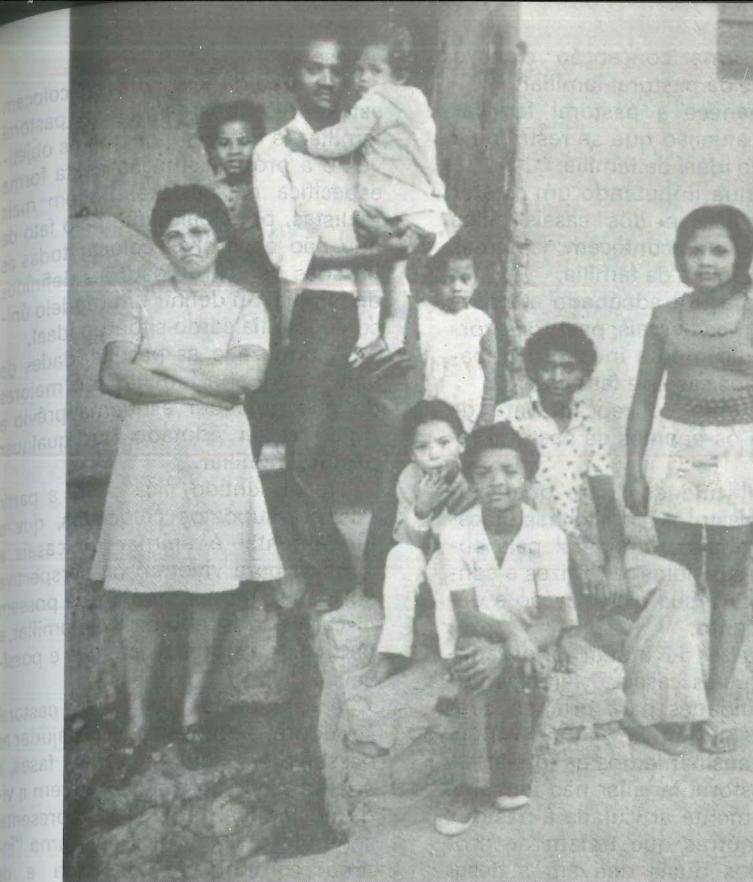
b) a **pastoral familiar** é uma pastoral complexa e abrangente, que trata da família em suas múltiplas dimensões, exigindo-se dela um profundo inter-relacionamento com as demais pastorais;

c) a **pastoral familiar** deve ser um serviço de conversão e de renovação constante dos cristãos, para possibilitar uma vida em plenitude dos valores evangélicos;

d) a **pastoral familiar** é imprescindível para possibilitar a transformação da família em agente que se evangeliza e evangeliza as demais famílias;

e) a **pastoral familiar**, ainda que perasse praticamente todas as demais pastorais, possui dimensões próprias, como, por exemplo a educação para o amor em suas dimensões de afetividade, convivência e constância; a espiritualidade conjugal e familiar; a educação na fé; a vivência do sacramento; a paternidade responsável; a transmissão da vida; a política familiar; e assim por diante;

f) a **pastoral familiar** amplia a perspectiva da pastoral da família, na medida em que insere a pequena comunidade de pessoas numa caminhada solidária com outras famílias, objetivando o processo de transformação de estruturas da sociedade que impedem ou dificultam a valorização e o respeito à dignidade da pessoa;



CARLOS NAMBA

f) a **pastoral familiar** precisa superar um problema eclesiológico de fundo, que existe quando se considera a família mais como objeto de pastoral do que como o seu sujeito; assim, o sujeito da pastoral familiar é aquele que vive a vida conjugal e familiar;

g) a **pastoral familiar** não pode ter uma perspectiva moralizante, mas de animação, para que seja possível a caminhada na Igreja com as famílias e os casais, pelo exercício da misericórdia evangélica;

h) a **pastoral familiar** tem de dirigir esforços para a concretização de uma metodologia que seja, a uma só vez, **dialogal** (porque ela não pode ser uma ação pastoral de cima para baixo, mas formulada e concretizada a partir dos conflitos, dos problemas e das contradições sociais que permeiam, explicam e condicionam todos os relacionamentos humanos, principalmente os familiares) e **processual** (porque ela deve ser um processo de libertação das famí-

i) a **pastoral familiar** precisa estimular as formas de organização e associação das famílias, valorizando e respeitando seus serviços e tipo de espiritualidade, inserindo-as responsávelmente nas diversas pastorais, pois representam manifestações de vitalidade eclesial;

j) a **Pastoral familiar** não tem tido eficiência e eficácia por falta de realismo e visão demasiadamente negativista da realidade familiar;

k) a **Pastoral familiar** não tem ocorrido porque:

- falta uma concepção clara e abrangente da pastoral familiar;

- permanece a pastoral familiar com uma atuação que se restringe a um modelo ideal de família;

- continua imputando um caráter de culpabilização dos casais pelos problemas que acontecem nas áreas do matrimônio e da família;

- inexiste um adequado entrosamento com as demais, pastorais, tornando praticamente inócuo o trabalho junto aos casais e famílias;

- falta uma concepção clara de quem são os agentes de pastoral familiar;

- há dificuldades para operacionalizar a pastoral familiar nas dioceses e paróquias, em geral pela ausência de subsídios, diretrizes e condições para a sua organização e desenvolvimento;

- deixa-se de atingir prioritariamente aqueles casais e famílias que têm dificuldades para orientar suas decisões segundo os valores evangélicos e os ensinamentos da Igreja;

- a pastoral familiar não tem sido suficientemente articulada à pastoral social e outras que tratam de problemas dos quais derivam a desagregação familiar e tantas outras dificuldades do viver em casal e em família;

- a pastoral familiar não tem conseguido superar visões ingênuas que dissociam a construção da vida familiar da construção de novas estruturas sociais;

I) a **pastoral familiar** precisa apoiar a formação teológica dos fiéis casados, bem como preparar outros agentes específicos de pastoral;

m) a **pastoral familiar** necessita ter em conta que é através dos casais que o poder do Evangelho toma forma concreta na história humana e se encarna na convivência dos pais com os filhos, como fermento na massa, como luz que ilumina as trevas e como vida que vence muitos sinais de morte que a realidade global do casamento e da vida familiar

apresenta.

Na medida em que se colocam estes pressupostos para a pastoral familiar, é de se supor que os objetivos e a própria atuação desta forma específica de pastoral fiquem mais realistas, principalmente pelo fato de que não é possível colocar todas as pessoas dentro de padrões definidos de família, ou definir um modelo único de família como situação ideal,

A riqueza e as peculiaridades da vida conjugal e familiar são maiores do que qualquer esquema prévio e rígido a ser adotado por qualquer pastoral familiar.

Neste sentido, fica claro, a partir dos pressupostos colocados, que o fundamental é animar os casais e famílias para viverem na perspectiva do Evangelho, de modo que possam discernir a respeito da vida familiar, a partir dos valores existentes e possíveis.

A pastoral familiar é uma pastoral servidora, e por isso precisa ajudar as pessoas, em suas diferentes fases, a criarem condições para viverem a vida de família, já que ela representa, segundo o Plano de Deus, uma "intima comunidade de vida e de amor", capaz de guardar e transmitir as virtudes e os valores cristãos.

Em suma, prescindir da pastoral familiar, ou de qualquer outra pastoral, é prescindir de um instrumento eficiente e eficaz a serviço da ação evangelizadora da Igreja.

O esforço evangelizador não pode ser traçado às cegas, não pode ser improvisado. Mas, à luz da realidade e da reflexão da palavra de Deus e da Igreja, a pastoral pode enfrentar os desafios que se apresentam, e ser servidora e solidária, notadamente para com os mais necessitados.

Isto porque a pastoral da Igreja é, acima de tudo, uma questão eclesiológica, que se coloca na perspectiva da edificação do Corpo de Cristo, para que todos possam alcançar a unidade da fé e o pleno conhecimento de Deus. (Ef 4, 9-13).

ximar do MFC, se os pais de um deles forem do Movimento!..."

Há equipes que se dissolvem:

"Nós já não conseguimos convencer os avós a ficarem com nossos filhos, para podermos ir às reuniões!"

Outras equipes vão cansando, por falta de quem os questione e interpele com novas visões das coisas, dos acontecimentos e da vida.

"Estamos ficando velhos e sem assunto..."

E as reuniões vão perdendo a graça.

Ou acontece o pior: os pais entram na dinâmica de formação do MFC, crescem, desenvolvem a consciência crítica, se engajam – enquanto os filhos ficam à margem desse processo, e vão se alienando pela TV ou se envolvendo com os que fogem da realidade e do vazio da vida pelo tóxico e a desesperança.

"O diálogo com nossos filhos ficou impossível. Os jovens de hoje não têm nada na cabeça", dizem depois.

Na expansão e nucleação, no MFC, também surge uma dificuldade: estão muito desgastados, hoje, os movimentos e encontros de casais.

Abusaram na dose e no superficialismo, gerando expectativas que resultaram, geralmente, em deceções.

Depois de uma frustração, o casal fica vacinado contra qualquer convite.

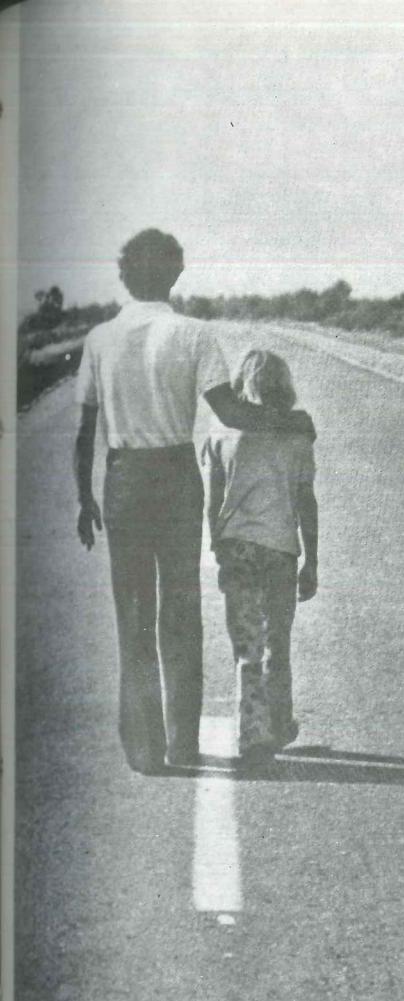
E como há gente vacinada, depois de tantos milhares de encontros, por esse Brasil à fora!

Ora, o MFC é um movimento familiar.

Deve nuclear famílias e não casais.

Comunidades familiares e não grupos de casais.

Deve abranger, no convite, pais e filhos, a família. Envolver todos juntos na mesma dinâmica de criação de laços afetivos e de formação para a vida familiar e social.



## Movimento familiar ou conjugal ?

Cansamos de ouvir essa pergunta:  
"O MFC é familiar ou conjugal?"

E outras:

"Por que será que a maioria dos filhos detesta o MFC?"

"É raro um casal querer se apro-

Se os filhos são pequenos, vão atrapalhar um pouco as reuniões, mas talvez possam ficar brincando por perto, para irem se conhecendo e se socializando, crescendo juntos, como amigos, quase "primos".

Se adolescentes, e se convidados com jeito acabam aceitando "sentar para conversar", quer dizer, participar de pelo menos algumas reuniões com os pais. Nesses dias, os assuntos devem ser os deles, naturalmente. E serão ouvidos, com atenção, respeito e... curiosidade, é claro. Quem sabe, estão percebendo coisas e assumindo novos valores que temos que levar em conta?

Se são jovens, talvez questionem fortemente os pais e "tios", o que preocupa alguns adultos. Mas esse confronto é muito saudável. Ajuda a remover teias de aranha e poeira que se acumulam sobre alguns preconceitos e tabus dos "velhos". E certamente serão derrubadas as barreiras tão comuns ao diálogo entre pais e filhos.

Por certo, haverá dias em que os pais queiram se encontrar sem os filhos. Tudo bem.

Os filhos também gostarão de conversar e fazer seus programas sem o contra-peso dos pais. Tudo bem.

Mas poderão ser freqüentes as reuniões conjuntas, para que pais e filhos vivam o mesmo processo de crescimento e de construção de relações pessoais mais profundas.

Assim, aos poucos, vai-se consolidando o espírito comunitário, baseado na amizade, no conhecimento, na solidariedade, na ajuda mútua, no crescimento conjunto, no engajamento social e político, no amadurecimento da fé, e teremos comunidades familiares cada vez mais autênticas, no MFC.

Então, não ouviremos mais as perguntas e comentários com que iniciamos esta reflexão.

Que lhes parece?

### Confissão de mãe

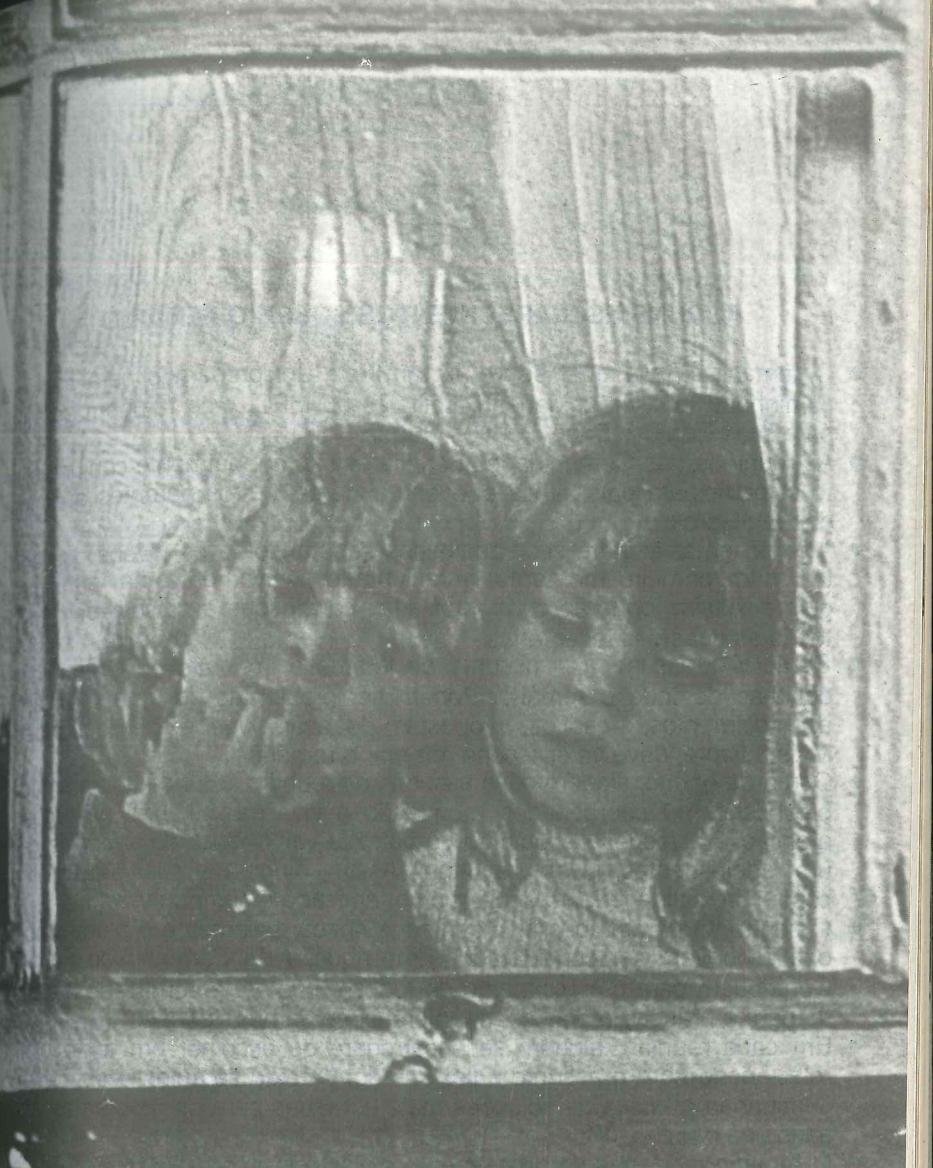
"Quando os meus filhos eram pequenos e eu pensava e decidia por eles, tudo era muito fácil para mim, porque só a minha liberdade estava em causa. Mas, quando chegou o momento de pensar que o meu papel era habituar os a opções progressivas, senti - a partir do instante em que me convenceu desta realidade - a inquietação instalar-se em mim. Deixando os meus filhos tomar por si sós, decisões, portanto, correr riscos, eu, pelo fato mesmo, corria também o risco de ver surgir outras liberdades diferentes da minha. Se, muito frequentemente, continuei a fazer opções em lugar dos meus filhos, foi, tenho de confessá-lo, não só para não ter que vê-los sofrer por causa de uma escolha da qual, talvez, eles vieram sem a arrepender-se, mas também, sobretudo, para não correr o risco de me deparar com uma discrepância entre as opções deles e a que eu teria desejado indicar-lhes.

Falta de amor da minha parte, portanto, uma vez que, agindo assim, eu queria, fundamentalmente, proteger-me de um possível sofrimento, de quele que experimento, todas as vezes que os meus filhos seguem um caminho diferente daquele que me parece ser o melhor para eles.

Deste modo, chego a compreender que Deus "Pai" possa sofrer. Somos seus filhos. Se Ele nos quer livres para nos construirmos a nós mesmos, o seu amor infinito, no entanto, torna impossível qualquer coação da sua parte. Amor perfeito, sem resquícios calculistas, mas que implica a aceitação, desde o início, de um sofrimento inherentemente a esta liberdade total que Ele quer para nós".

# "Para que serve a família?"

TEMÁRIO PARA COMUNIDADES FAMILIARES



## ALGUNS ESCLARECIMENTOS SOBRE O TEMÁRIO

- O temário “Para que serve a família?” foi preparado para apoiar a caminhada de Comunidades Familiares do MFC, mas também será útil para suas Equipes-Base e outros grupos.
- As reuniões das Comunidades Familiares são normalmente conjuntas, isto é, participam pais, filhos e, eventualmente, outros parentes e amigos dos familiares.
- Alguns temas podem ser trabalhados separando-se os jovens dos adultos, num primeiro momento, para juntá-los, novamente, na reunião seguinte. Assim, poderão confrontar suas conclusões e discutir bem fundo todas as questões levantadas.
- Sempre que surgir um assunto de interesse imediato da Comunidade, deixa-se de lado o temário. Podem ser problemas de uma família, ou acontecimentos, desafios, propostas de ação, que exigem prioridade. Mais adiante, deve valer a pena retomar o temário.
- Como de hábito, alguém deve assumir, na reunião, a função de animador, provocador ou coordenador, motivando a viva participação de todos, a atenção e o respeito à opinião do outro, a valorização do saber de cada um (adolescentes, jovens, adultos). Assim, ajudará a criar em clima de confiança, solidariedade, apoio mútuo, amizade e companheirismo.
- O confronto de opiniões divergentes, a crítica recíproca e o pluralismo de opções devem ser considerados uma riqueza da Comunidade Familiar. Contribuem para o crescimento de todos e são um aprendizado necessário para a prática do diálogo, da tolerância e da humildade.
- Em cada reunião, alguém se encarregará de escolher um texto bíblico relacionado com o assunto a ser tratado. O texto será lido e comentado, iluminando a busca de soluções mais humanas para os problemas analisados na reunião.
- O temário é apenas um instrumento auxiliar de apoio. Portanto, não será utilizado com excessivo formalismo. Pode e deve ser adaptado às características da Comunidade e traduzido para a linguagem mais apropriada. As perguntas podem ser reformuladas se não estiverem bem claras. Outras perguntas poderão ser acrescentadas.

Subsídio para os animadores das reuniões: “Família, mistério e esperança para o terceiro milênio” – página 6 a 20 desta revista.

Helio e Selma Amorim

1<sup>a</sup> REUNIÃO

## PARA QUE SERVE A FAMÍLIA?

Talvez alguém, aqui, já tenha ouvido dizer que “família já era...”, já não serve para nada, ou quase nada! Outros ainda admitem que, no passado, deve ter servido para muita coisa, mas hoje...

É verdade que, no passado, quase só a família é que garantia proteção, educação e segurança aos seus membros. Não existia seguro social, escola e universidade gratuitas, tudo dependia da família.

A posição social de cada um vinha da sua origem familiar. Tudo girava em torno da família.

No mundo moderno, de fato, aquelas funções tradicionais da família foram passando, pelo menos em parte, para outras estruturas sociais.

Mas será que, por isso, a família perdeu importância? Ou será que, ao contrário, no mundo moderno é que a família ficou mais importante, com novas e mais exigentes funções?

## PERGUNTAS:

1. Para que serve a minha família, que benefícios me traz eu ter a minha família?
2. A família às vezes atrapalha? Estabelece limites ao que eu gostaria de fazer? Ela ajuda ou dificulta a realização do meu projeto de vida? Por que?
3. As famílias deviam ser diferentes do que são? O que poderia mudar no estilo das famílias para ficarem melhores?

2<sup>a</sup> REUNIÃO

## FAMÍLIA FORMADORA DE PESSOAS.

A gente aprende que a família deve ser formadora de pessoas, de verdadeiras pessoas humanas.

Quer dizer: não basta trazer filhos ao mundo. É preciso criar condições para que cresçam como pessoas humanas. Eles nascem com esse potencial mas, se não encontram condições favoráveis para desenvolver suas qualidades e formar sua personalidade, ficarão eternamente crianças dependentes, que nunca saberão pensar com a própria cabeça nem resolver seus próprios problemas.

Também os adultos não podem parar nessa caminhada que nunca termina. A gente tem que continuar amadurecendo, durante toda a vida, crescendo cada vez mais, como pessoas humanas.

As relações vividas na família podem ajudar ou retardar o desenvolvimento da personalidade, o crescimento de cada um de seus membros como pessoas humanas. Vai depender da qualidade dessas relações.

#### PERGUNTAS:

- Quais as características que fazem de alguém uma pessoa humana?
- Quais são as mudanças de atitudes, comportamentos e projetos de vida que indicam a passagem do ser criança para o ser adulto? O que demonstra que se está deixando de ser infantil para ser adulto? Exemplos. Existem "adultos" que continuam sendo crianças, mesmo quando a idade avança? Como se comportam esses "adultos"?
- Como pode a família ajudar ou atrapalhar o desenvolvimento da personalidade de seus membros, para que se tornem adultos?

### 3ª REUNIÃO

#### A DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA

A pessoa humana – homem e mulher – foi criada à imagem e semelhança de Deus. Essa certeza, iluminada pela fé, nos faz compreender a dignidade fundamental da pessoa humana.

Assim, ninguém pode ser desrespeitado, oprimido, manipulado, escravizado, maltratado, ofendido, desmoralizado, alienado, sufocado em suas aspirações, vocação e liberdade.

Seria negar a dignidade da pessoa humana e a intenção de Deus, ao criá-la.

Este é o projeto de Deus para o Homem: a sua plena humanização, para que nele se concretize a imagem e semelhança de Deus.

Nas relações familiares, essa dignidade fundamental da pessoa humana tem que ser considerada, no dia-a-dia, nos menores gestos e atitudes, o que nem sempre acontece.

Corremos o risco de tratar pessoas como se fossem coisas, e não como imagem e semelhança de Deus.

#### PERGUNTAS:

- Em nossas famílias, é respeitada a dignidade da pessoa humana? São respeitados e tratados como pessoas os pais, os filhos, os parentes, empregados e todos aqueles que têm relações com a família? Exemplos de atitudes que confirmam.
- Alguns limites e "proibições" se justificam ou são contrários à dignidade e liberdade dos filhos e dos demais membros da família? Por quê?
- Como é esse Deus, de quem somos imagem e semelhança? Um disciplinador, juiz, "quebra-galhos", "tapa-buracos" a nosso serviço? Ou o que?

### 4ª REUNIÃO

#### DIFICULDADES PARA FORMAR PESSOAS

Será que temos prestado atenção em como vive a maioria das famílias? Porque em nosso país, a maioria absoluta das famílias é muito pobre e mesmo miserável.

Como uma família pode formar pessoas, vivendo em condições desumanas, na extrema miséria, lutando dia-a-dia apenas para tentar não morrer de fome?

Essa situação deve provocar em cada um de nós uma profunda indignação! Pois está em jogo a dignidade de pessoas humanas, criadas à imagem e semelhança de Deus.

Não dá para ficarmos indiferentes, cegos diante da realidade brutal! Essa situação é contrária ao projeto de Deus, que quer a humanização de todos os homens.

#### PERGUNTAS:

- Como vivem as famílias nos bairros mais pobres, nas favelas da nossa cidade? Qual é a realidade das famílias que vivem nessas condições? Moradia, trabalho, emprego, alimentação, saúde, escola, como é isso? Por que vivem assim?
- É justo que eu viva com razoável conforto e tenha chances que a maioria não tem? O que está por trás dessas profundas diferenças sociais?
- O que podemos fazer para que essas famílias passem de condições desumanas para condições mais humanas de vida? Para que possam ser imagem e semelhança de Deus? Estaremos dispostos a fazer alguma coisa concreta?

### 5ª REUNIÃO

#### FAMÍLIA E SOCIALIZAÇÃO

O ser humano é social, por natureza.

Já nasce com o impulso de abrir-se aos outros e estabelecer relações profundas com outras pessoas.

Não relações superficiais ou funcionais, mas relações interpessoais, relações de pessoa a pessoa, sem máscaras. Não como relações do tipo pai-filho, marido-mulher, professor-aluno, que são relações funcionais.

Na família, muitas vezes, os pais não conseguem tirar a máscara de pai ou de mãe, para ser apenas pessoa. Os filhos também esquecem de aprender que além de filhos, são pessoas. E para um relacionamento profundo de pessoa com pessoa, essas máscaras de pai, mãe, filho, têm que ser arrancadas.

Essas são as relações que respondem ao impulso básico com que nasce o ser humano.

Nem sempre é fácil. Exige treinamento. Mas é a única chave para uma verdadeira socialização da pessoa humana.

#### PERGUNTAS:

- Em nossas famílias predominam relações funcionais ou relações pessoais?
- Exemplos dos dois tipos de relações familiares.
- Há momentos em que as relações funcionais são necessárias? Por exemplo, é obvio que a máscara suprime a liberdade de ação do filho. Podem existir relações funcionais sem se sufocarem as relações pessoais?
- As pessoas são preparadas verdadeiramente pelas famílias para se inserirem na sociedade? Como? Para que estilo de inserção? Adaptadas ao modelo de sociedade que está aí? Conformistas ou críticas?

### 6ª REUNIÃO

#### IMPULSO DE SOCIALIZAÇÃO

O ser humano só se realiza como pessoa, na medida em que se aproxima da imagem e semelhança de Deus, para o que foi criado.

Ora, o Deus da Bíblia, o Deus dos cristãos, não é um Deus-solidão. Ao contrário: é o Deus-Trindade, quer dizer, um Deus que é uma comunidade de pessoas.

Por isso, a pessoa humana só se humaniza na medida em que aprende a viver em comunidade com as outras pessoas.

Num primeiro momento, com as pessoas da sua própria família. Mas logo aberta ao relacionamento ampliado com outras pessoas, com elas estabelecendo relações inter-pessoais profundas.

#### PERGUNTAS:

1. As famílias preparam seus membros para relações pessoais ampliadas, ou tendem a se fechar em si mesmas, isolando-se do mundo? Como funciona isso?
2. Se Deus é modelo para o homem, sua maneira de se relacionar com os homens é o modelo para as relações dos homens entre si? Como é essa maneira de relacionar-se?
3. Todas as vezes que Deus intervém na história humana, de quem ele toma partido? Exemplos que a Bíblia oferece? Como deve ser a inserção dos cristãos na sociedade, se pretende seguir esse modelo?

### 7ª REUNIÃO

#### SOCIALIZAÇÃO CONFORMISTA OU CONFLITIVA?

Muitas famílias têm medo de preparar seus membros para uma inserção crítica e transformadora na sociedade.

Porque há riscos, é claro.

Os rebeldes e inconformados com as injustiças sociais são vistos com desconfiança pelos que se beneficiam dessas mesmas injustiças.

Podem ser perseguidos, discriminados, perder empregos e ter muitos aborrecimentos.

Assim, a família é tentada a formar pessoas acomodadas e conformistas.

Entretanto, o modelo infôco de sociedade, as profundas desigualdades que crescem, ricos que esbanjam e pobres que passam fome, são um desafio ao individualismo estéril e à acomodação.

#### PERGUNTAS:

1. Como está sendo preparada ou já vivenciada a participação dos membros das nossas famílias na sociedade? Que proposta nos anima?
2. Quais os riscos mais visíveis que produzem apreensões, quando a nossa proposta é de presença crítica efetiva e transformadora na sociedade?
3. Como foi a atuação de Jesus, na sociedade do seu tempo? Conformista, crítica, conflitiva? O que é ser cristão?

### 8ª REUNIÃO

#### FAMÍLIA E AFETIVIDADE

O amor é a única resposta para o problema da existência humana.

O amor se opõe ao individualismo, ao egoísmo, à competição desenfreada, à dominação do outro, à opressão.

Por outro lado, existem formas de amor superficiais, infantis ou fechadas no pequeno grupo familiar. Na verdade são formas disfarçadas de egoísmo.

Também notamos que muitas pessoas vão amadurecendo intelectualmente, socialmente, profissionalmente... mas não afetivamente.

Quer dizer: podem ser grandes profissionais ou políticos, mas não conseguem aprender a amar verdadeiramente.

A família pode e deve ser um lugar muito especial para o desenvolvimento da afetividade e o crescimento da pessoa humana para o amor.

#### PERGUNTAS:

1. O que é o amor verdadeiro e adulto? Como se manifesta, como se expressa?  
Que formas falsas de amor podemos identificar? O que se aprende sobre o amor através dos meios de comunicação social (TV, imprensa)?
2. Como pode a família apoiar o desenvolvimento da afetividade? O que ajuda e o que atrapalha esse processo nas relações e na rotina familiar?
3. Existe, mesmo, o risco de a família fechar-se em si mesma, vivendo a sua afetividade apenas dentro de quatro paredes? O que fazer? Comunidades de famílias podem ser resposta a esse risco?

### 9ª REUNIÃO

#### AMOR-DOAÇÃO-SERVIÇO

Por ter sido criado à imagem e semelhança de Deus, o Deus Criador é modelo para a pessoa humana. Ora, Deus se revela ao homem, de um modo especial através de Jesus Cristo, como Amor. Deus é amor.

Assim sendo, é pelo amor que o homem se torna imagem de Deus.

É pelo amor que a pessoa humana se humaniza. Por outro lado, o amor que humaniza é aquele que se aproxima daquilo que é o amor de Deus por cada um de nós: amor gratuito, amor-doação, amor-serviço, fiel, solidário.

Amor levado às últimas consequências em Jesus Cristo, capaz de dar a vida por aqueles a quem ama.

É o oposto ao amor falso que coisifica o outro, oprime, domina, utiliza, manipula e despersonaliza.

#### PERGUNTAS:

1. As famílias têm sido capazes de desenvolver em seus membros essa disposição para doar-se e se colocar a serviço dos outros? Ou apenas desenvolve um amor "para uso interno"?
2. O amor é apenas um "sentimento sublime", vivido na contemplação romântica? Ou é tarefa, serviço efetivo aos outros, para a sua humanização?
3. Como Jesus expressou e viveu o amor-doação-serviço aos seus companheiros, aos homens e mulheres do seu tempo?

### 10ª REUNIÃO

#### O QUE CHAMAM DE AMOR

Na nossa sociedade, é comum se apresentarem formas falsas de amor como se fossem amor de verdade.

A TV, através de suas novelas e mensagens, confunde amor com sentimentalismo infantil e superficial, paixão desenfreada ou sexo banalizado, esvaziando do seu rico conteúdo simbólico, como expressão e celebração do verdadeiro amor.

*Do amor que é doação, fiel, gratuito e responsável.*

*Relações neuróticas, doentias, desvios de comportamento – aparecem muitas vezes com o rótulo de amor.*

Ou então, apresenta-se o amor somente na sua dimensão intimista e fechada, incapaz de abrir-se a uma fraternidade ampliada, que se expresse no serviço a todos os homens e mulheres, especialmente aos mais pobres e carentes.

## **PERGUNTAS**

- PERGUNTAS:**

  1. Como é entendido e vivido o amor, entre os jovens, em nossos dias? Surgem novos valores, diferentes dos valores do passado? O que tem mudado?
  2. Como se relacionam sexo e amor, hoje? E no passado? O que se pode considerar um relacionamento sexual humanizador? Ou ao contrário?
  3. O que estará por trás da onda de exploração da sexualidade e do erotismo? Quem lucra com isso? Haverá interesses comerciais, ideológicos, políticos, por trás de tudo isso? Por quê?

11ª REUNIÃO

## FAMÍLIA E TRANSMISSÃO DE VALORES

A família é um lugar privilegiado para a transmissão de valores, crenças, ideias, princípios éticos, morais, religiosos, filosóficos e políticos.

**E** uma transmissão de mão dupla: os pais transmitem seus valores aos seus filhos, sem imposição, e os filhos transmitem aos pais, também sem querer impor, os valores que vão assumindo e descobrindo, num mundo diferente do de seus pais.

*De cada lado deveria haver abertura, para que pais e filhos se deixassem questionar pelos valores de cada um.*

*Porque há valores permanentes, inegociáveis, diretamente relacionados com a humanização do homem, como a justica e a fraternidade, por exemplo.*

Mas há valores culturais provisórios, válidos em determinada época e cultura, que talvez devam ser revistos e, se for o caso, descartados quando superados por novas descobertas sobre o homem e o mundo.

## **PERGUNTAS:**

1. Quais os valores, crenças, ideais que os pais de hoje, estão mais interessados em transmitir aos seus filhos? Quais desses valores são normalmente acolhidos e quais os rejeitados? Por que acham que isto acontece?
  2. Quais os valores, crenças e ideais que os jovens têm assumido frequentemente, como sendo valores próprios da sua geração? Como reagem os pais, geralmente? Por que?
  3. Como discernir entre valores provisórios e valores permanentes? Por exemplo?  
Que critérios essenciais se poderia adotar para discernir?

12ª REUNIÃO

## FAMÍLIA E TRANSMISSÃO DA FÉ

*Muitos pais cristãos se sentem incapazes de transmitir a sua fé aos filhos. Percebem que não sabem expressar sua fé de uma forma que desperte interesse nos filhos.*

As vezes, se confundem: não é propriamente a fé que estão tentando transmitir, mas tão somente certas obrigações religiosas sem relação com o que podem significar. Exigem a freqüência à missa, por exemplo, sem conseguir transmitir-lhes o que ela significa, como celebração de uma disposição que deve existir apenas para poder ser celebrada.

Não sabem transmitir os valores básicos e fundamentais da fé cristã.

Ou o que é pior, as atitudes do dia-a-dia contradizem o que proclaimam como valores da fé.

## **PERGUNTAS:**

- PENSAR**

  1. Quais os valores fundamentais da fé cristã? Qual é o projeto de Deus para o homem? Qual o sentido de Reino de Deus?
  2. Qual o sentido da prática religiosa? Qual o significado dos sacramentos? O que celebram?
  3. Como se expressa a fé em atos concretos, em atitudes na vida cotidiana? Exemplos em que a fé é afirmada e outros em que é negada.

13ª REUNIÃO

CIÊNCIA E FÉ: CONFLITO OU COMPLEMENTAÇÃO?

A fé cristã foi transmitida, ao longo dos séculos, pela linguagem e categorias de cada época e cultura.

No mundo moderno, mundo da ciência e da técnica, muitos pais ainda não conseguiram aprender uma nova linguagem para expressar a sua fé, que considera as descobertas científicas e as categorias próprias do mundo moderno, secularizado e pluralista.

Assim, seguem expressando equivocadamente sua fé segundo uma linguagem e uma visão do homem e do mundo que já não servem para o nosso tempo.

Alvez seja essa a barreira principal para a transmissão da fé, não só dos pais para os filhos, mas mesmo por sacerdotes e educadores cristãos.

## **PERGUNTAS:**

1. Como os filhos reagem mais frequentemente às questões relativas à fé e religião dos seus pais? Que razões apresentam quando rejeitam esses valores?
  2. Quais são as contradições mais comuns que costumam colocar entre ciência e fé? Essas contradições são reais ou aparentes? Não estarão superadas?
  3. Aspectos da estrutura e disciplina da Igreja costumam ser apresentados como obstáculos à aceitação da fé cristã? Quais e por que? Aspectos apresentados como negativos podem ser explicados ou relativizados? Como?

## 14ª REUNIÃO

### FAMÍLIA PROMOTORA DO BEM COMUM

*Na família, aqueles que têm maior sensibilidade frente aos graves problemas sociais, passam aos demais essa consciência que leva ao inconformismo e ao desejo de fazer alguma coisa em favor da justiça.*

*Também este é um caminho de mão dupla: pais conscientizam seus filhos ou, se os filhos são mais sensíveis à injustiça e à iniquidade sociais, conscientizam os pais menos sensíveis.*

*Assim, com os olhos abertos, todos acabam percebendo que não podem ficar neutros e passivos diante de uma estrutura sócio-econômica que condena multidões à miséria.*

*O passo inicial é, justamente, essa tomada de consciência.*

*Trata-se de superar uma visão ingênua, alienada e infantil da realidade e dos mecanismos sociais injustos, geradores de desigualdades gritantes que não se podem mais tolerar.*

#### PERGUNTAS:

1. Como a família pode apoiar o desenvolvimento da consciência crítica dos seus membros? E como, ao contrário, pode retardar esse crescimento? Exemplos.
2. As mensagens que os meios de comunicação transmitem colaboram mais para o desenvolvimento da consciência crítica ou para a alienação? Como assim?
3. Que interesses podem existir por trás de todo esforço de alienação, que leva ao conformismo, ao comodismo, ao consumismo e à fuga a compromissos sociais e políticos? A quem interessa essa alienação? Por quê?

## 15ª REUNIÃO

### O REINO DE DEUS

*O projeto de Deus para o homem é a sua humanização, para que seja efetiva a imagem e semelhança para a qual foi criado.*

*A humanização do homem supõe uma sociedade fundada na justiça e na fraternidade, no amor e na solidariedade, cujo fruto é a paz.*

*Esse é o quadro que os cristãos aprenderam, com Jesus, a chamar de Reino de Deus. Esse Reino só vai se realizar plenamente depois da morte e ressurreição de cada ser humano.*

*Mas já começa na história humana, sempre que essa realidade vai se instaurando, ainda que imperfeitamente, nas relações entre os homens, entre nações.*

*Ser Igreja é justamente assumir a missão de anunciar e colaborar na edificação do Reino, desde aqui e agora.*

#### PERGUNTAS:

1. Como entendemos o que é a Igreja? O que é ser Igreja? Que responsabilidades isso implica?
2. Como devem se complementar e se relacionarem as diferentes vocações, carismas, funções e ministérios dos que formam a Igreja? (Leigos, sacerdotes, religiosos, bispos, papa). Como entender a Igreja como Povo de Deus?

3. Qual é a maneira de ser família que justifica chamá-la de pequena Igreja ou "Igreja Doméstica"? Qual a relação entre família promotora do bem comum e família pequena Igreja?

## 16ª REUNIÃO

### PRÁTICAS CONCRETAS PARA O BEM COMUM

*Se as famílias despertam seus membros para a responsabilidade de promoverem o bem comum, será preciso, em seguida, descobrir quais as práticas concretas mais urgentes e efetivas para isso.*

*Vão perceber, então, que essas práticas incluem a denúncia das injustiças, da opressão e das desigualdades sociais.*

*Também incluem o apoio efetivo a pessoas e famílias concretas oprimidas pela miséria, a fome, a doença e o desespero.*

*Conhecemos os critérios do Juizo: "Tive fome... tive sede... estava nu..."*

*Abrem-se muitos caminhos de ação solidária de ajuda e apoio.*

*Mas não basta: é preciso agir no plano sócio-político para que aconteçam transformações urgentes e necessárias e assim, prevaleça a justiça e sejam desmontados os mecanismos geradores de miséria e morte.*

#### PERGUNTAS:

1. Como podemos atuar efetivamente, desde já, na promoção do bem comum? Qual a vocação ou carisma de cada um? O que é possível fazer? Em que estruturas sociais intermediárias estamos dispostos a participar?
2. Quais os riscos que envolvem os trabalhos pelo bem comum? Como enfrentar esses riscos? São riscos reais ou imaginários?
3. Uma comunidade familiar pode ser apoio à inserção e ao desempenho dos seus membros em estruturas sociais (associações de bairro, sindicatos, partidos, movimentos)?

## 17ª REUNIÃO

### COMUNIDADES FAMILIARES

*Ser Igreja implica muitas responsabilidades, que é difícil assumir sozinho. Mesmo a família, isolada, se sente muito limitada e quase impotente, frente ao desafio de participar da edificação do Reino de Deus.*

*Ser família, hoje, também exige o desempenho de muitas funções extremamente exigentes. A família, isolada, se sente incapaz e frágil, diante do tamanho da tarefa.*

*Mas se famílias se unem, criam laços de amizade e afeto, aprofundam relações interpessoais – formam-se comunidades familiares mais capacitadas para assumirem, solidariamente, essas responsabilidades.*

*Quem sabe, as comunidades familiares serão a nova maneira de ser família e Igreja, no mundo moderno?*

#### PERGUNTAS:

1. As relações múltiplas que se estabelecem numa comunidade familiar podem contribuir para a socialização, a personalização e o desenvolvimento afetivo de seus membros? Explicar.

2. A solidariedade e ajuda mútua, numa comunidade familiar, podem estimular o crescimento da consciência sobre a responsabilidade de promover o bem comum?

3. Uma comunidade familiar pode ser uma comunidade de fé que contribua para a transmissão de valores, crenças e ideais? E para a própria transmissão da fé? Uma nova maneira de ser Igreja? Uma nova maneira de ser família.

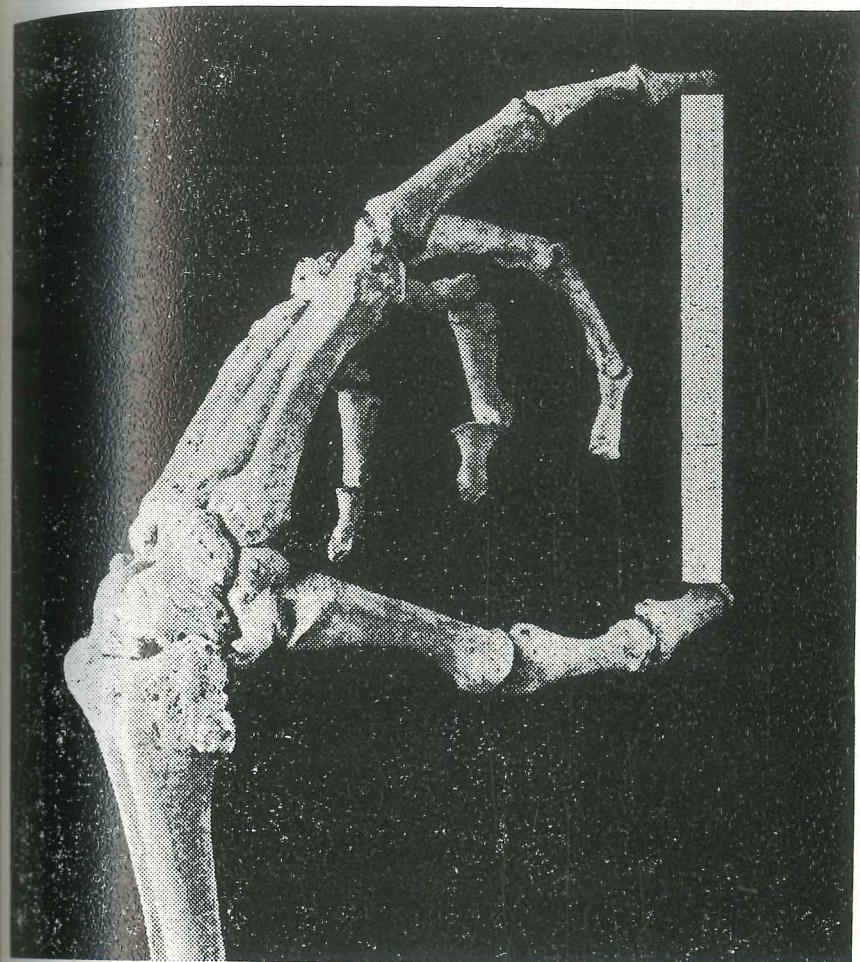
18ª REUNIÃO

## AVALIAÇÃO

1. Os diálogos que temos mantido, têm colaborado para criar laços de amizade entre nossas famílias? Aspectos positivos e dificuldades ainda não superradas?
  2. Caminhamos para ser uma comunidade familiar? Em que aspectos? O que caracteriza uma comunidade?
  3. Esses encontros nos abriram horizontes novos para a compreensão do que significa ser família e ser Igreja, hoje?
  4. Essa caminhada nos tem levado a práticas concretas, na promoção do bem comum e na edificação do Reino de Deus?
  5. Como prosseguir?

## 5. Como prosseguir?

**Venha fumar comigo.**



# Um raro prazer...